**AUDIÊNCIA PÚBLICA SOBRE O GENERAL PAUL AUSSARESSES, COM A PRESENÇA DE FERMINO FECHIO**

**COMISSÃO DA VERDADE**

**PRESIDENTE**

**DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT**

**17/12/2013**

**COMISSÃO DA VERDADE**

**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.**

**17/12/2013**

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT -** Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, 108º audiência pública, 17 de dezembro de 2013, Auditório Teotônio Vilela.

Está instalada a 108º audiência pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 17 de dezembro de 2013, às 09h, no auditório Teotônio Vilela, para oitiva de depoimentos sobre o envolvimento de militares franceses com a ditadura militar brasileira, em especial o General Paul Aussaresses.

Esclarecemos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as audiências abertas ao público.

É com muito orgulho, muito prazer, que nós recebemos aqui hoje essa pessoa extraordinária, esse verdadeiro militante da área de direitos humanos há tantos anos, há tantos anos, com seu nome, com a sua respeitabilidade, Dr. Fermino Fechio e, pela web, pelo *Skype*, nós vamos ouvir a jornalista brasileira, a Leneide, qual é o nome completo da Leneide? Leneide Duarte-Plon, que ela vai inclusive falar sobre um artigo que ela escreveu a ser publicado “Os Militares Franceses e a Ditadura Brasileira: As Guerras Coloniais que Fizeram de Paul Aussaresses Mestre em Tortura”.

Bom, então eu queria que o Dr. Fermino pelo menos fizesse uma saudação inicial pra que a gente pudesse já registrar a presença dele e aí... - vai projetar em todas as telas a entrevista, Renan ou só nas duas? Ah, é? Agora como é que fica? Alguém pode... não tinha uma pessoa que vinha aqui ligar a web? Tá, bom, é o tempo da gente se organizar.

Com a palavra o Dr. Fermino Fechio. Até era bom se você pudesse fazer um resuminho na abertura do que, qual a divisão do trabalho, quais são os documentos que você pretende comunicar. O Dr. Fermino já entregou essa documentação pra Comissão Nacional e o... - vou falar assim senão eu não consigo ficar te olhando, aí é uma artificialidade total - a Comissão Nacional, através da Dra. Rosa Cardoso, reconheceu que, embora tenham sido entregues documentos por parte do senhor, eles não foram ainda analisados nem processados, então ela mesmo que sugeriu que a gente também..., até a Leneide mandou esse texto, então eu queria que, se fosse possível, Doutor, que fizesse um resuminho do que a gente vai ouvir hoje aqui do seu depoimento que eu também preciso ganhar um tempo para que a web da Assembleia seja instalada para a gente poder captar as imagens lá do Rio de Janeiro. Com a palavra Dr. Fermino Fechio.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Bom dia, bom dia a todos. Tenho muito amigos e muito conhecidos aqui, incomodei eles e eles estão aqui presentes hoje para me ouvir, depois eu quero ouvi-los também.

Eu queria saudar, Adriano, o trabalho da Comissão da Verdade, esse é um assunto muito caro para mim. Eu trabalhei durante muito tempo pelo Brasil inteiro fazendo propaganda da necessidade da Comissão da Verdade. Naquele tempo a gente trabalhava ainda a criação da Comissão Nacional da Verdade, né? E junto com outro grande militante de direitos humanos, Paulo Vannuchi, eu estava no cargo de ouvidor nacional de Direitos Humanos e uma das minhas atribuições era incentivar as audiências públicas estaduais, as conferências, pré-conferências estaduais, que iam terminar com a grande conferência nacional e nessa conferência nacional nós iríamos aprovar a Comissão Nacional da Verdade. Eu acho muito importante o trabalho da Comissão da Verdade e fiquei mais feliz ainda quando eu vi a multiplicação de Comissões da Verdade pelo país todo.

Eu tenho acompanhado, na medida do possível, o teu trabalho aqui, o trabalho dessa Comissão, e eu tenho ficado emocionado e enriquecido com as experiências que têm sido apresentadas aqui, eu acho muito importante esse trabalho de memória, né? Eu acho que um dos assuntos pra frente que nós, políticos e agentes sociais, vamos ter que nos debruçar é essa questão de democracia e memória, como é que a memória desse terrorismo de Estado que infestou não só o Brasil, mas toda a América, do Cone Sul, a América Latina, como é que essas revelações vão impactar na nossa vida democrática, essa é uma reflexão daqui pra frente.

Hoje eu queria pensar junto com vocês, compartilhar com vocês, algumas coisas que eu andei pesquisando, que eu andei tomando conhecimento, para refletir junto com vocês o papel desse francês e, sobretudo, da Escola Francesa, da Escola Militar Francesa, que cria e incentiva e alimenta todo esse terrorismo de Estado que caracterizou os anos de chumbo da América Latina. É uma participação dos franceses muito pouco noticiada e pouca gente sabe disso, então, eu queria fazer um pouco a minha exposição – claro que o tema chamado é Paul Aussaresses, mas nós precisamos entender por que o Paul Aussaresses veio aqui e os antecedentes do Paul Aussaresses, que coincidem com os antecedentes da famosa teoria francesa do combate à guerrilha. Uma política de combate à guerrilha que nasce do fracasso da guerra francesa na Indochina, como é que eles refletem, como é que eles criam uma teoria de enfrentamento ao que eles chamavam de subversão e como é que se sai dessa guerra convencional, que o Exército Francês estava acostumado, como é que ele cria uma nova filosofia de combate para enfrentar a guerrilha. O Paul Aussaresses é fruto desse novo entendimento, dessa nova política de extermínio.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Então, quer dizer, a gente sempre canaliza, vamos dizer, as atenções para o papel da embaixada americana e do governo americano. O Paul Aussaresses não veio como um mercenário, aposentado, à venda de experiência e tecnologia, ele vem pela embaixada francesa, não é isso?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Vem pela Embaixada Francesa, é um homem de inteligência, é um homem que sempre trabalhou no Serviço Secreto Francês, não é um tonto qualquer, e tem afirmações gravíssimas dele nesse material que eu já forneci pra Comissão da Verdade, mas nada impede que eu te deixe aqui uma cópia.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Viu Renan, eu sei que você está preocupado, mas como você é praticamente o coordenador desse trabalho aqui, você leva tudo a sério, eu queria ver se alguém podia ficar com a parte técnica e você me acompanhar nessa audiência, porque o Dr. Fermino preparou ela direitinho, por favor, tá? Se o Koba pudesse... aí eu queria que você acompanhasse com bastante detalhe toda as explicações do Dr. Fermino que ele veio bem documentado. Continuando...

**O SR. FERMINO FECHIO –** Então, eu gostaria de situar o Paul Aussaresses nesse processo, né? Depois o momento em que ele chega ao Brasil, as circunstâncias que tem aqui e, sobretudo, a atuação dele como instrutor de tortura na Escola de Manaus. Ele é o grande instrutor na Escola de Manaus, que ninguém conhecia e ninguém sabia, e essas informações são muito recentes, Deputado. Ele chega em 1973, ele chega em junho de 1973, alguns meses depois do golpe na Bolívia, Hugo Banzer, depois do golpe no Uruguai, junho de 1973, e depois do golpe militar no Chile, 1973. Ele chega 20 dias depois do golpe no Chile. Coincidência? Será? E ele ajuda a fazer toda a preparação de oficiais que ele já tinha começado na *Escuela de las Américas* que ele tinha lecionado em Fort Benning nos Estados Unidos, ele tinha lecionado em Fort Bragg, e ele conhece - e aí uma outra coisa que eu chamei a atenção da Comissão Nacional - ele conhece os futuros adidos militares que vão trabalhar nesses países do Cone Sul, que articulam, que, no meu entender, está na raiz de toda articulação do Plano Condor, da Operação Condor.

Então eu acho importante a gente fazer um levantamento – eu recomendei isso à Comissão Nacional da Verdade – a gente ter um levantamento de todos esses adidos militares que funcionaram nesses países do Cone Sul e no Brasil, os adidos militares com os quais o Aussaresses se encontra aqui no Brasil e vai dar aulas também em Manaus, e visita por exemplo...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Por que Manaus?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Por que em Manaus? Porque era o único Centro Especial em Manaus, e a proximidade do Chile, da Argentina, do Uruguai, da Bolívia, do Peru. Aqui são formados todos esses assassinos que vão atuar na Operação Condor e no Cone Sul.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Agora, ele se relacionava, quando o senhor se refere a adidos militares, eram os adidos militares franceses nos diferentes países, ou adidos militares também de outros países?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Não, ele pegava o adido militar da Bolívia, na Embaixada da Bolívia em Brasília, ele pegava o adido militar do Peru, o adido militar argentino em Brasília, o adido militar chileno, que comanda a repressão depois, Humberto Gordon, famoso Humberto Gordon. General que é acusado de homicídios, processado, responde por vários homicídios no Chile, e ele faz toda essa articulação e é interessante, ele ocupa um cargo oficial e ele é um homem, como eu disse, de inteligência, ele diz o seguinte: “mas escuta”... - tem um pergunta, as entrevistas, todos os livros que eu tenho do Aussaresses são respostas que ele dá a entrevistadores franceses, a jornalistas, eu te deixo, eu posso deixar pra Comissão uma cópia se vocês me tirarem, que são as coisas que eu consegui, é um vídeo de uma entrevista dele que desencadeia todo esse processo em 2001.

Pode tirar uma cópia, deve, tem vídeo, é uma hora e pouco e depois, se vocês quiser, deixaria uma cópia disso aqui, pode tirar uma cópia sim, que também são cópias de entrevistas. Essas informações, Deputado, começam a aparecer agora nos anos 2000, de 2001 pra frente, quando ele começa a falar, e eu vou repetir, como ele era um homem de inteligência, é um homem que mede as palavras, mede as frases, toda palavra tem um significado, ela é pensada, ela é muito bem pensada e ele diz, por exemplo, respondendo à uma pergunta de um jornalista, vocês vão ver no filme, “olha, escuta, mas você fazia isso clandestinamente?” – essas aulas que ele ia dar de terror -, “eu não era um agente infiltrado, eu ocupava um cargo oficial, eu não fiz nada clandestinamente, tudo o que eu fiz no Brasil era do conhecimento dos meus superiores hierárquicos na embaixada francesa, do embaixador, era do conhecimento na França do que eu fazia aqui e era de conhecimento do governo brasileiro”, e ele declara a amizade dele com o chefe do SNI João Figueiredo, era grande amigo dele no Brasil e, pra orgulho de nós paulistas, do delegado Sérgio Paranhos Fleury, aliás, ele que começa com essa expressão de "esquadrões da morte", Paul Aussaresses. Paul Aussaresses introduz essa terminologia dos esquadrões da morte que vão aplicar na guerra da Argélia.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Dr. Fermino, as aulas, a escola da tortura, essa antessala da preparação, da formação do Cone Sul, as aulas eram lá em Manaus, na Amazônia, eram dados os cursos, eram dados em alguma instalação pública do governo brasileiro, alguma instalação militar?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Numa escola militar do Exército. Chama CIGS, atualmente a denominação é essa, ela começa, ela é fundada, essa escola, em 1964 com essa designação CIGS - Centro de Instrução de Guerra na Selva. Famoso, famoso no mundo inteiro ficou este estabelecimento e ele nasce com uma ideia boa, uma ideia necessária, se reclamava, havia muita reivindicação, de que a Amazônia era descuidada, que nós não tínhamos gente especializada, tropas especializadas para atuar nas selvas e a gente tinha problema de fronteiras, roubo de minérios, invasão de fronteira, tráfico.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Quer dizer que aquele grupo de guerra nas selvas da Amazônia nasce em 1974?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Nasce em 1964, uns meses antes do golpe militar, é no comecinho de 1964, se não me engano é fevereiro de 1964. Vinte, vinte e poucos dias antes do famoso 1º de abril, 31 de março, como eles querem, e ele nasce com essa finalidade, de preparar tropas policiais para atuarem na selva, especializados em tratamento na selva, salvamento, resgate de pessoas, etc. a intenção era boa.

E ele começa a dar os cursos em 1966. A América Latina já está fervendo, só para lembrar, 1966 nós já temos a guerrilha na Bolívia, tem a história do Che na Bolívia, 1968 o assassinato do estudante no Calabouço no Rio, tem o sequestro do embaixador, 1968 tem o AI5, em 1970, início de 1970, endurecimento todo do regime, o pior momento da repressão, o momento sangrento, tal. Em 1970 o CIGS altera a denominação e altera a finalidade, em vez de CIGS ele passa a se chamar COSAC - Centro de Operações na Selva e Ações de Comando, toda vez que a gente encontrar esses vocábulos aí, "ações de comando", é coisa tremenda, é gente de Serviço Secreto e repressão. COSAC, ele passa a se chamar COSAC, e aí começam a vir todos esses oficiais, era uma escola que só recebi oficiais de nível, de oficiais pra cima, e o Aussaresses diz “eu ia pra lá todo mês, Manaus, eu ia todo mês”, mas o que que o senhor. fazia lá? “Olha, eu ensinava as técnicas de Argel”. Mas o pessoal sabia disso? “Eu não fazia nada clandestinamente, eles sabiam”, a expressão dele vocês vão ver na entrevista, “eles conheciam o meu pedigree”.

O Paul Aussaresses, ele é apelidado de "a cara visível da tortura", esse é o conhecimento do Aussaresses, esse é o apelido dele, porque ele começa a abrir a boca em 2001. Ele vai embora do Brasil em 1975, ele começa a dar depoimentos em 2001, por causa dessa entrevista em 2001 ele escreve um livro: “Serviços Especiais - Argélia 1955 – 1957” e ele defende abertamente a tortura e ele diz que o Exército Francês praticou a tortura na Argélia, por causa disso ele começa a receber punições na França, ele é punido, ele perde a medalha da ordem de honra da França, ele sofre, ele é condenado e aí ele fica meio magoado com essas punições, e aí ele volta com outra entrevista: “Eu não disse tudo”, esse é o título da entrevista dele, “Eu não disse tudo”, e aí vem nova entrevista com novos depoimentos e ele vai historiando toda a trajetória dele nas escolas americanas e especialmente na Escola de Manaus.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT -**  E a pergunta inevitável: essa escola existe até hoje? Porque os cursos de guerra na selva, da formação das tropas é um ícone do Exército Brasileiro, existe esta escola?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Existe atualmente e agora ela está com outra orientação, mas eu acho importante e, veja, eu acho que está à altura, eu procurei saber isso mas na minha época, quando eu andei em Brasília de 2007 até a hora que eu deixei lá, quando acaba o governo Lula, nós não tínhamos ainda essa lei que obrigava eles entregarem todos os arquivos, tal, não tínhamos Comissão da Verdade ainda e eu achava que - quando veio a Comissão da Verdade eu sugeri – nós tínhamos que requisitar os arquivos desse Centro de Instrução de Guerra na Selva, dessa escola, por ali nós veríamos...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Ainda não foram requisitados.

**O SR. FERMINO FECHIO –**  É um absurdo isso, dá tempo pra eles destruírem tudo. A "Folha" publica – pra você ter uma ideia – a única reportagem em imprensa brasileira que eu vi, é uma reportagem da "Folha" e eu tenho uma cópia aqui na minha pasta, de agosto de 2008.

**O SR. RENAN QUINALHA -** A Leneide que fez, a jornalista que vai entrar por *Skype*.

**O SR. FERMINO FECHIO –** É, mas tem um outro jornalista que assina também que é o Dantas, não sei o que Dantas, eu encontrei ele em Brasília. E eles encontram entre os alunos, eles relacionam 130 torturadores latino-americanos, tinha chilenos, bolivianos, paraguaios, uruguaios, argentinos, e eles vão listando os nomes, eu acho que tem mais, eu acho que tem mais.

Agora ela voltou a ter um orientação normal, técnica, profissional, tal, mas vejam que o serviços do Aussaresses - e isso também eu acho que é um outro ponto de interesse para as Comissões da Verdade, ele não instruía só para fora, só para Argentina, Chile, ele instrui também para brasileiros, e ele ensina..., eu acho que tem uma repercussão do ensino dele, Deputado, na guerrilha do Araguaia. Lembre-se que quando começa o Exército a ir pro Araguaia, o Exército perde no início, eles têm várias derrotas para os guerrilheiros em 1972, tal, tal, tal, tal, quando o Exército dá um breque para..., interrompe a repressão, mais quase um ano, e volta de outro jeito, eles dizem isso, o retorno é de outro jeito, porque eles deram uma parada, e faz exatamente a técnica usada na guerra moderna dos filósofos franceses, aqui militares. Tem um serviço de inteligência - pegam todos os apoios populares da guerrilha, mapeiam tudo e - uma outra consequência dessa doutrina - prendem, torturam para arrancar informação, e uma pessoa torturada não pode sobreviver, esse é o ensinamento dele: “você torturou, mate, porque se esse cara continuar vivo, um dia ele vem se vingar de você, então mate e suma com os corpos”, essa é a orientação francesa personificada no Paul Aussaresses e documentada, ele diz isso. Tudo o que eu falo, Deputado, não são conjecturas minhas, são todas as coisas que eu leio nessas entrevistas, nesse vídeo que ele dá, pena que é em francês, mas ...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Mas vamos projetar um pouco.

**O SR. FERMINO FECHIO –** E eu acho que se tortura...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Desceu para copiar ou está aí? O vídeo.

**O SR. FERMINO FECHIO –** E eu acho, só pra te dar uma citação, eu fiquei atrás de Aussaresses, porque nós não tínhamos notícias, eu sou militante de direitos humanos, aprendi com o Padre Luiz aqui, meu amigo, desde o começo dos anos 1970, né, Luiz? Eu me formo em 1969 na São Francisco e eu já entro em trabalhos populares, vou trabalhar..., encontro aí o pessoal, estou revendo aqui hoje, o famoso movimento de regularização de loteamentos, regularização da terra, tal, tal, tal, tal, 1970, por aí a gente está nessa luta.

Então eu sou jurássico, eu sou um dos jurássicos aí de militância em direitos humanos, nós nunca ouvíamos falar do trabalho francês, da influência francesa, da Escola Francesa, da cultura militar francesa, a influência dela na repressão, na noite de terror que se abateu sobre a América Latina e eu nunca ouvia e, olha, eu participei de várias organizações, movimento nacional, eu fui dirigente do movimento nacional de direitos humanos, nós nunca, em nenhuma assembleia nossa, nós tivemos alguma referência dessa influência francesa, nós só dirigimos todos os nosso xingamentos e palavrões para os imperialistas *iaques*, para os americanos, pra CIA, influência da CIA, isso é obra da CIA, tal, né? Tinha a CIA também no meio, mas o francês sempre foi escondido e eu começo a procurar depois de uma referência.

Eu virei Ouvidor Geral da Polícia aqui, eu comecei a ouvir um zum-zum a respeito de Aussaresses, mas era uma notícia, eu não ligo muito, aí eu recebo de presente um livro de um amigo nosso, amigo de uma organização de direito humanos boa, que teve um trabalho excepcional aqui em São Paulo, que era o Clamor, e como eu fiz parte do Clamor, esse amigo nosso, que é um cidadão, brasileiro e tem dupla nacionalidade, ele é brasileiro e cidadania norte-americana também, é o Charles Harper. O Charles Harper foi Secretário Geral do Conselho Mundial das Igrejas que ajudou muito, financiou muito o Clamor nesse trabalho de localização de desaparecidos, localização de bebês, ajuda aos presos em todo o Cone Sul, fizeram um trabalho grande aí no Cone Sul e, quem nos ajudava muito, o nosso pombo-correio com o Conselho Mundial das Igrejas, era o Charles Harper. Ele escreve um livrinho em 2007 chama “O acompanhamento”, “El acompañamiento”, ele escreve em espanhol, e ele faz toda uma recapitulação desses trabalhos de direitos humanos na época.

Veja o que ele diz, pra minha surpresa, eu li isso aqui, devorei isso aqui assim que eu recebi, e eu me surpreendo logo no começo, página 16, ele diz o seguinte: “um elemento importante para o êxito da implementação dessa estratégia da doutrina de Segurança Nacional Americana nos países da América Latina foi a chamada Escola das Américas, junto com outros estabelecimentos de treinamento militar” - eu já falei aqui Fort Benning, Fort Bragg, um monte de escolas aí, né? - “onde receberam toda a América, os oficiais de toda a América, de Forças Armadas e da Polícia, receberam formação técnica e ideológica, as Forças Armadas do Brasil se converteram, sem dúvida, no melhor aluno dessas escolas e superaram e souberam utilizar a instrução recebida para justificar as medidas repressivas aplicadas desde que tomaram o poder em 1964. E mais, conscientemente, a partir de 1968, AI5. Na década de 1970, o Brasil se converteu no principal exportador e instrutor de técnicas de tortura como instrumento de interrogatório e de semear o medo a seus vizinhos do Paraguai, Uruguai, Chile, Argentina e Bolívia”. Aí ele acrescenta, “porém, os Estados Unidos não foi o único professor do Brasil, o Exército Francês também fez a sua parte, embora sua participação tenha sido sempre menos divulgada, ensinando as técnicas de tortura que eles mesmos haviam aperfeiçoado durante a guerra da Indochina e da sangrenta guerra da Argélia. E que os governos militares do Brasil, Argentina e Chile utilizaram como medidas de repressão contra seus próprios cidadãos”, porque toda a teoria francesa, ela começa no fracasso da batalha de Dien Bien Phu que é de junho de 1954. Depois que eles perdem essa batalha, que pra eles foi uma surpresa – Deputado, eu já estou falando o que eu tinha que falar, tudo bem?

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Não, só termina essa consideração, a gente interrompe pra entrevistar a senhor, que ela está parada na frente do computador, não, está indo muito bem, maravilhoso, só acaba essa consideração sobre o livro aí a gente retoma.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Então, eles, depois dessa batalha de Dien Bien Phu, esses oficiais franceses e eu cito, eu tenho a relação deles: Charles Lacheroy, eu acho que a Leneide deve estar se informando.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –**  A batalha quando foi mesmo? Foi...

**O SR. FERMINO FECHIO –** 1954, veja como é que é, 1954. Então, esse Coronel Charles Lacheroy, eu vou citar os nomes, porque são todos os que vêm dar aulas nas escolas norte-americanas e depois aqui no Brasil vem um deles, que é o Aussaresses. Tem o Coronel Marcel Bigeard, um terrorista em Argel, faz o demônio, é o cara que fazia a – interessante, a primeira vez que eu ouço falar também que eles faziam os voos da morte em Argel, pegavam, torturavam, veja, e há os voos e jogavam, enchiam o pé do cidadão de cimento para pesar e jogavam no mar – o Aussaresses diz também que eles pegavam, torturavam e sumiam como muitos corpos no deserto. Como? Enterravam no deserto, na areia do deserto, a areia não fala, né?

Charles Lacheroy, Marcel Bigeard, Roger Trinquier, esse é o grande teórico, esse Roger Trinquier, é o primeiro cara que escreve um manual, um manual que chama “Guerra Moderna”, ele publica isso em 1957, já é a reflexão do porquê eles perderam a guerra da Indochina e a conclusão dele, que era também a conclusão do Lacheroy, eles dizem o seguinte: “a primeira coisa” – o Lacheroy fala – “que eu li foi o livro vermelho do Mao, pra tentar entender aquela guerra dele, porque que tinha tanto *Viet Minh* para tudo o que é lado. Eu li, devorei o livro vermelho do Mao Tse Tung e o que eu aprendi nesse livro foi o seguinte, ao invés – como a gente faz na guerra tradicional – de cuidar da ofensiva, se preocupar com a ofensiva, nós devíamos nos preocupar com a retaguarda, retaguarda, e era o que os *Viet Minh* faziam”, ele falou “eles tinham informante por todo o território, o Exército Francês começava a se movimentar, os V*iet Minh* já ficavam sabendo, porque eles estavam por toda a parte, os informantes”, e aí a conclusão do Lacheroy, “a primeira coisa que uma coisa anti-subversiva tem que fazer é cortar o contato dos guerrilheiros com a população”. E a gente vê essa técnica aplicada na guerrilha do Araguaia e em todo o Cone Sul, é a Teoria do Inimigo Interno, é a Teoria do Inimigo Interno, todos os cidadãos são suspeitos, são inimigos, eles podem alimentar os nossos adversários, então, todo mundo é suspeito. Detenha, interrogue, torture, arranque informações!

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Excelente. Bom, vamos lá. Então, depois que passar a entrevista da Leneide, vê se já fez a cópia do CD do Fermino aí, mesmo em francês... você pode ficar conosco até que horas? Ótimo, ótimo, ótimo.

Então vamos lá, aí, como que a gente fala? A gente fala pelo microfone com ela? Tá, eu falo, tá, tá bom. Bom, então posso falar, né?

Leneide, bom dia. Eu não sei se você tem imagem da gente, mas nós vamos ouvir a Leneide Duarte-Plon. Aqui na mesa nós estamos em três, eu sou o Adriano Diogo, esse aqui é o Dr. Fermino Fechio, que trabalhava com o Paulo Vannuchi, no Ministério, na Secretaria Especial de Direitos Humanos, e aquele também advogado, os dois são advogados, o Renan Quinalha, que é assessor da Comissão, e lá na cabine, lá no estúdio, o Koba, Ricardo Kobayaski, também assessor da Comissão. Então, eu estou com o artigo que a senhora escreveu e eu queria que a senhora pudesse nos cumprimentar, fazer uma introdução e depois, em seguida, falar que a senhora conseguiu entrevistar o General Paul Aussaresses antes da morte dele, então, que a senhora ficasse à vontade e muito obrigado pela sua disposição em depor aqui na Comissão Estadual Rubens Paiva do Estado de São Paulo. Bom dia. Com a palavra a jornalista Leneide Duarte-Plon.

Só um minutinho, o som, espera aí, vamos corrigir, a gente está sem retorno da senhora, só está com a imagem perfeita, mas não temos som. Será que dá pra pôr o som aqui? Dá, vai tentar. Só um minutinho Leneide.

Agradecemos, foi a Dra. Rosa Cardoso, da Comissão Nacional, que pediu para que a gente procurasse a senhora.

**O SR. RENAN QUINALHA -** Eu queria falar, Adriano, até a Leneide, ela tá preparando um livro também sobre o Paul Aussaresses, a Escola Militar Francesa também, só que um outro livro que já está finalizado, vai sair pela Civilização Brasileira agora em abril, ela vai vir lançar no Rio de Janeiro e, aqui em São Paulo, ela vai lançar aqui na Comissão da Verdade, que ela está fazendo junto com a Cecília Meireles, que é um livro sobre o Frei Tito, a biografia do Frei Tito, e ela tomou diversas entrevista aqui no Brasil com os Dominicanos, lá na França também, então é um livro que vai sair pela Civilização agora em abril e a gente vai programar melhor a data em que ela vai estar aqui já com o livro pronto pra fazer o lançamento na Comissão.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Eu acho que ela tá tentando falar alguma coisa.

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON -** Posso tentar, o som tá bom?

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –**  Melhorou um pouquinho, mas é, só um minutinho. Ele vai pôr o microfone no computador, vamos ver se o retorno melhora. Pode testar, por favor, pode falar.

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON -** Bom, é, eu queria agradecer antes de tudo à Comissão da Verdade de São Paulo pelo convite para falar sobre o General Aussaresses, Paul Aussaresses, e queria agradecer à Rosa Cardoso que foi quem indicou meu nome, me colocou em contato com a Comissão e para quem eu escrevi, eu escrevi um texto sobre o General Paul Aussaresses, sobre a participação dos militares franceses nas ditaduras latino-americanas. É um fato histórico talvez pouco conhecido no Brasil e era pouco conhecido na França também até recentemente. Eu vou fazer um resumo cronológico dos fatos que levaram a França a rediscutir a tortura na Argélia e como eu fui levada a conhecer e a encontrar o General Aussaresses para o livro que eu estou preparando sobre ele, fazer entrevistas e o livro.

Resumidamente a cronologia é a seguinte: em junho, 20 de junho de 2000, o "Le Monde", o jornal "Le Monde" fez uma entrevista na primeira página que foi, que caiu como uma bomba na sociedade francesa, era uma ex-torturada da guerra da Argélia, uma senhora já idosa, chamada Louisette Ighilahriz. Essa senhora contava nesta entrevista do ano 2000 que ela foi torturada seguidamente, diariamente, e foi estuprada, às vezes duas ou três vezes por dia, por soldados franceses que entravam na cela dela e a estupravam em grupo. Ela contou em detalhes, é uma entrevista chocante e ao mesmo tempo horrível, a história é terrível. Bom, a história teve uma repercussão tão enorme que aí o "Le Monde" foi procurar as personalidades, os militares franceses que ainda eram vivos e que tinham atuado na Argélia. Fez uma entrevista com o General Jacques Massu, que era o General que comandou, o que a gente pode chamar hoje, de terror na Argélia: torturas, execuções sumárias, esquadrão da morte, mas ele na realidade estava coordenando a Ação Francesa e os militares franceses, o Exército Francês na Argélia, na ação que os franceses chamavam de pacificação, ou de “os acontecimentos na Argélia”.

Na época a Argélia era um território francês e – posso continuar? – bom, na época a Argélia era um território francês, então a Argélia não poderia declarar guerra, então a França não poderia declarar guerra à Argélia, porque a Argélia era a França, era continuação do território francês, então eles chamavam de “os acontecimentos na Argélia”, a “pacificação da Argélia”, que lá eles teriam destruído completamente, eles teriam aniquilado completamente a Frente de Libertação Nacional – FLN e, para isso, dizem os militares franceses, que eles receberam um mandato dos civis que governavam a França, que por acaso na época eram os socialistas, para erradicar a resistência argelina.

Então, o General Massu foi entrevistado no ano 2000 pelo "Le Monde" e ele declarou que se arrependia de terem usado a força e a tortura na Argélia. Ele já estava muito idoso, assumiu e se declarou arrependido. Isso foi em junho. Em novembro de 2000, o General Paul Aussaresses reaparece na história francesa depois de longos anos de silêncio e ostracismo, ele reaparece porque ele que comandava essa grande repressão na Argélia, subordinado ao General Massu. O General Paulo Aussaresses era na época o Coronel que era encarregado da manutenção da ordem, era encarregado da Batalha de Argel, o que se chama da Batalha de Argel, que foi o grande enfrentamento de forças entre a FLN, a Frente de Libertação Nacional, e o Exército Francês, no caso os Paraquedistas Franceses.

O General dá uma entrevista ao "Le Monde" em 2000, novembro, depois da entrevista do General Massu e depois da entrevista da torturada e ele assume que eles torturaram na Argélia. Diz que não tem nem arrependimento, nem remorsos e que eles fariam isso de novo porque era necessário, foi necessário, e ele acredita que a tortura pode ser necessária, quer dizer, ele é uma pessoa que assumiu totalmente e foi o primeiro militar francês que contou em detalhes isso posteriormente no livro que ele escreve no ano seguinte, em 2001. Quer dizer, no ano seguinte à sua entrevista no "Le Monde" e à entrevista do General Massu, o General Aussaresses escreve o livro chamado “Serviços Especiais de 1955 a 1957”, é o período da Batalha de Argel e da grande repressão que eles exerceram na Argélia matando, fazendo execuções sumárias, torturando os líderes da Frente de Libertação Nacional. Bom, nesse livro ele assume e conta em detalhes os casos de execuções sumárias que ele praticou, inclusive no *Le Monde*, na entrevista, ele assume que ele matou sumariamente 24 membros da resistência argelina e que eles tinham ordem de aniquilar totalmente esta resistência e que a tortura era necessária. Bom, ele assumiu isso.

Em 2002, quer dizer, no ano seguinte, bom, o General Aussaresses foi processado por três instituições, associações de defesa de direitos humanos, entre elas a Liga de Direitos Humanos. Ele foi processado, acusado de crimes contra a humanidade e apologia de crimes de guerra. Bom, o que finda o processo dele, que durou mais de um ano, durou muito tempo, o fim do processo dele foi uma libertação e nenhuma sanção porque o tribunal, os juízes, consideraram que ele estava anistiado pelas leis de anistia francesas. Houve uma lei em 1962, logo no fim da guerra, quando o De Gaulle dá a independência à Argélia, os tratados de Evian, e houve uma anistia em 1968 que anistiou todos os generais também, onde alguns tentaram se rebelar, inclusive fazer atentados contra o De Gaulle, pelo fato dele ter dado a independência à Argélia.

As leis de anistia francesas protegeram o General Aussaresses que saiu sem nenhuma sanção, mas o Presidente Chirac, que ficou chocado, chocadíssimo, se disse chocado com as relações feitas sobre tortura na Argélia e com, talvez, a desfaçatez, a maneira quase cínica do General Aussaresses de dizer que assumia tudo e que não lamentava nada, nem tinha remorso e nem lamentava; ele, a única coisa que o Chirac pôde fazer contra ele, como sanção, foi retirar dele a legião de honra. Então ele foi, o General Aussaresses, foi destituído da grande honra que é a légion d'honneur. Ele não pode mais usá-la.

Em 2002..., isso foi em 2001, o processo dele e o livro dele que chocou, que passou meses e meses a imprensa francesa acompanhando e discutindo a guerra da Argélia e a tortura na Argélia. Em 2002 a França acordou no mês de maio chocada, abril, 21 de abril de 2002, chocada com o fato de Lionel Jospin, que era o candidato socialista à Presidência da República, não ter ido para o segundo turno, no segundo turno terem ficado Jacques Chirac e Jean-Marie Le Pen. Jean-Marie Le Pen é um líder de extrema direita que todos conhecem, que fundou o partido *Front National*, a Frente Nacional, que é um partido de extrema direita, nazi-fascista, é um partido realmente execrável e a França inteira se uniu pra votar no Chirac para não ter hipótese do Jean-Marie Le Pen ser eleito, mas o "Le Monde" - justamente nessa campanha de “todos contra Jean-Marie Le Pen”, para eleger o republicano, de direita, mas todas as pessoas de esquerda votaram no Chirac no segundo turno-, o "Le Monde" fez uma grande matéria mostrando depoimentos de pessoas que participaram, que foram torturadas ou que participaram, da guerra da Argélia, dizendo “Le Pen era um dos soldados franceses que praticaram ativamente a tortura” e praticava a tortura à domicilio. Eram histórias chocantes, histórias em que o Le Pen e os outros paraquedistas e soldados franceses torturavam homens diante dos filhos e da mulher na própria casa da pessoa, então são histórias tão chocantes quanto da nossa ditadura.

Bom, obviamente a França inteira ficou sabendo que o Le Pen era um torturador, e um torturador da Argélia. Em 2004, isso eu estou falando da ordem cronológica para chegar até os dias de hoje, em 2004 a jornalista Marie-Monique Robin, uma excelente jornalista de investigação francesa, escreveu um livro chamado, em francês, "Escadrons de la mort, l'école française*"* - Esquadrões da Morte, a escola francesa, no qual ela revela que os franceses criaram Esquadrões da Morte na Guerra da Argélia para se livrar de corpos de pessoas mortas sob tortura e também fizeram execuções sumárias. E ela entrevistou militares da França, obviamente, militares americanos, dos Estados Unidos, norte americanos, militares chilenos, militares argentinos, e não conseguiu entrevistar um só militar brasileiro porque a tortura no Brasil é, era e é ainda, um tabu e os militares brasileiros, que eu saiba, não assumem, que eu saiba nenhum deles assumiu, que torturavam, que era uma política de Estado, que houve torturas aqui.

No livro da Marie-Monique Robin, o General Paul Aussaresses revela que os militares franceses ajudaram as ditaduras latino-americanas com treinamentos dos nossos militares, tanto brasileiros quanto chilenos, quanto argentinos e bolivianos, paraguaios e etc. Primeiro nos Estados Unidos, para onde o General Aussaresses foi em 1961 e 1962 a convite do presidente Kennedy para ensinar a Batalha da Argélia, a guerra contrarrevolucionária e guerra anti-subversiva, como eles chamavam, que o General Aussaresses e os franceses tinham aprendido a lutar numa guerra moderna, que foi escrito um livro pelo General Roger Trinquier chamado “A Guerra Moderna” que era um livro em que ele resumia uma guerra diferente das guerras para as quais os militares convencionais são treinados, o inimigo externo, uma declaração de guerra, uma guerra feita sob a Égide da Convenção de Genebra. Então nessa guerra dita "moderna" os franceses tinham enfrentado um inimigo no Vietnã, um inimigo Viet Minh, Vietcong, que era um inimigo que não vestia uniforme, que estava disseminado na população civil, que era extremamente móvel, muito menos numeroso do que os militares franceses e que resistiam bravamente aos militares franceses treinados na França, na Escola Militar de Saint-Cyr, de Paris, e resistiram e expulsaram os franceses. Os franceses perderam a guerra na Indochina, que era a Indochina francesa, Indochina atual, e eles não entenderam, mas eles tiraram conclusões e fizeram novas teorias de guerra, que é a chamada Guerra Moderna, aí criaram o “Inimigo Interno” e a teoria, a doutrina da Segurança Nacional que foi forjada em Washington pelos americanos, ela se adaptou e foi ligeiramente transformada, a doutrina da Segurança Nacional se adaptou a essa nova realidade que é a de guerrilha, no caso pelos vietnamitas, que derrotaram os franceses, que saíram da Indochina e logo em seguida começa a Guerra da Argélia, em seguida, no ano seguinte à derrota de Dien Bien Phu no Vietnã, comandada pelo Giap, que expulsa os franceses, derrota os franceses, no ano seguinte começa a Guerra da Argélia.

No final da guerra da Argélia os franceses tinham acumulado uma experiência enorme de guerra de guerrilha, de guerra contra o famoso e, agora clássico, Inimigo Interno, inimigo, segundo a teoria francesa, inimigo que está no país, não é um estrangeiro, não é uma guerra declarada no moldes tradicionais, não é um inimigo uniformizado, armado, é o guerrilheiro e é o "subversivo". Bom, e aí eles foram chamados, os franceses foram chamados, convidados pelo presidente Kennedy, para ir aos Estados Unidos e que o General, na época era Coronel ainda, Coronel Aussaresses foi enviado para dar lições sobre a Batalha de Argel: como controlar as populações civis, como, através dos Serviços de Informação superaperfeiçoados, ter informação sobre qualquer movimento de qualquer pessoa considerada suspeita, suspeitos eram os resistentes, eram as pessoas de esquerda, o Partido Comunista, ou partidos de esquerda. Então nos Estados Unidos ele dá aulas de 1961 a 1962, os ensinamentos da Batalha de Argel, da batalha, da guerra moderna, que tinham sido então codificados pelo General Roger Trinquier. Ele treina, ele me contou, posteriormente ele treinou militares de todo o continente sul-americano, inclusive brasileiros, muitos brasileiros foram alunos de Aussaresses de 1961 a1963, chilenos, argentinos, uruguaios, paraguaios, América do Sul em geral.

Então, o Aussaresses volta pra França e em 1973 ele vem para o Brasil como adido militar. Adido militar é, talvez tenha muitos casos ainda, um eufemismo para uma colaboração estreita de informações, controle dos nossos exilados na França, a polícia francesa controlando nossos exilados na França, e o Aussaresses aqui, íntimo do General Figueiredo, muito antes de ele ser Presidente, ele era ainda chefe do SNI, e ele deu cursos, o General Aussaresses, que era ainda Coronel Aussaresses nessa época, na década de 1970, deu cursos no Centro de Instrução de Guerra na Selva em Manaus, era onde ele trabalhava, mas sob a proteção ou sob a designação de adido militar, era treinador de militares brasileiros e militares do Cone Sul em geral, que a Argentina ainda não tinha havido o golpe militar *inaudível* e o Chile, ele colaboraram, ele declarou, ele confirmou que os militares brasileiros colaboraram ativamente no golpe militar chileno, contou detalhes inclusive.

Bom, em 2008, o General Aussaresses escreve um novo livro com um jornalista francês, o livro é em forma de entrevistas, chamado "Je N'ai Pas Tout Dit": *"*Eu não contei tudo". Bom, o nome do jornalista é Jean-Charles Deniau, ele conta ao Jean-Charles Deniau em forma de entrevistas, um livro grosso, bastante espesso e denso, com muitas informações. Ele mais ou menos confirma todo o livro da Marie-Monique Robin, "Esquadrão da Morte", todas as informações são confirmadas por ele, a Marie-Monique tinha entrevistado os Generais *inaudível* argentinos, que também deram muitas informações sobre torturas, sobre a Operação Condor e etc., e ele confirma ao Jean-Charles Deniau, inclusive, que ele deu aulas de instrução de interrogatório *inaudível.*

Quando saiu esse livro dele eu procurei encontrar o General Aussaresses e, através do autor, eu pude falar com ele por telefone e propor fazer entrevistas para futuramente fazer um livro. Eu achei que ele poderia aprofundar as informações que ele dá sobre o Brasil, sobre a permanência dele no Brasil esse dois anos e sobre a nossa ditadura, interrogatórios feitos sob tortura, execuções sumárias, esquadrões da morte, etc.

Ele aceitou, eu marquei as entrevistas, fui até a Alsácia onde ele morava e passei dois dias, além das conversas telefônicas, passei dois dias fazendo as entrevistas com ele. Ele já estava idoso, foi em 2008, já estava com 89 anos. Então ele me revelou muita coisa importante, interessante, e o livro espero lançar no ano que vem, estou terminando, ainda fazendo pesquisas no Ministério da Defesa Francês, pedindo autorização, já me deram autorização para fazer pesquisas nos documentos do Aussaresses, mas existem alguns que são *top secret*, são classificados como secretos e estou esperando autorização para leitura apenas, não posso transcrever a íntegra dos documentos que são secretos, mas eu posso ler, vou poder ler, mas não transcrevê-los nem fotocopiar. Bom, estou terminando esta pesquisa pra poder terminar de escrever o livro no início do ano que vem e poder publicá-lo ainda em 2014.

A "Folha de São Paulo", quando eu fui fazer entrevistas com o General Aussaresses em 2008, a "Folha de São Paulo" publicou uma entrevista que eu fiz com ele em página inteira, uma página grande em um domingo, em que ele assumia, contava histórias do Figueiredo, falava do General Geisel e dizia que Figueiredo era um dos diretores, não, um dos *inaudível* dos montadores, criadores do *inaudível* ele e Fleury, o delegado Fleury, eram os responsáveis pelo Esquadrão da Morte e ele conta detalhes de tortura que ele presenciou com a própria presença do Figueiredo na tortura. Bom...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Repete, repete...

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON -** Essa época o Figueiredo era chefe do SNI.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Leneide, está me ouvindo?

**A SRA. VIVIAN MENDES -** Leneide, o Adriano está pedindo, por favor, pra você repetir essa parte que liga o Fleury e o Esquadrão da Morte, por favor.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Leneide, a entrevista da "Folha".

**A SRA. VIVIAN MENDES -** Essa parte da entrevista da "Folha", por favor, Leneide, se você puder repetir essa parte da entrevista da "Folha", por favor.

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON -** Pois não. A entrevista que saiu na "Folha de São Paulo" em 2008, que eu fiz com o General Aussaresses, que é uma parte da longa entrevista que eu fiz pro meu livro, uma parte eu publiquei na "Folha", o título da entrevista é “A tortura se justifica quando pode evitar a morte de inocentes”. Ele assume a necessidade da tortura e ele vê a tortura, mostra que ele encara a tortura de um forma utilitarista, banalizando a tortura, de uma forma quase, eu diria quase cínica, porque ele vê a tortura de forma utilitarista. A tortura é um crime bárbaro, é um crime contra a humanidade, e ele assumiu totalmente. Bom, e ele disse pra mim na entrevista que o General Figueiredo participou diretamente de uma tortura que ele viu, eu conto em detalhe no livro, que o próprio General Aussaresses viu, eu conto *en passant* na entrevista da "Folha de São Paulo", e ele diz que o General Figueiredo e o delegado Fleury eram os responsáveis pelos esquadrões da morte no Brasil.

O que é interessante notar é que o General Aussaresses, que morreu agora, no dia 04 de dezembro desse ano - eu estava no Rio, nesta temporada atual que eu estou no Rio trabalhando em outro livro-, ele morreu sem ter revelado quem foi que matou o professor de matemática Maurice Audin que é um caso emblemático das torturas na Argélia, que morreu, sabe-se que morreu sob tortura, exatamente como Rubens Paiva, é um caso que foi paradigmático do caso Rubens Paiva, porque os generais franceses, os militares franceses torturaram até a morte este professor de matemática, Maurice Audin, estava defendendo a tese de doutorado dele na Sorbonne e era professor em Argel, mas era membro do Partido Comunista e, como membro do Partido Comunista, foi preso e torturado e morreu. Eles nunca assumiram que ele morreu sob tortura, eles nunca devolveram o corpo à família, até existe uma associação chamada associação Maurice Audin que procura, a gente vê que os militares brasileiros calcaram a história do desaparecimento do Rubens Paiva no caso Maurice Audin, que se passou obviamente muito antes, porque foi na guerra da Argélia. Inclusive inventaram, os militares franceses, inventaram uma história de um sequestro de Maurice Audin, que ele teria sido sequestrado pelos subversivos e no deslocamento dele de uma prisão para outra – exatamente a mesma história que os nossos militares criaram para justificar o desaparecimento de Rubens Paiva.

Então a gente vê que *inaudível* General Aussaresses, sobre a batalha de Argel, tanto nos Estados Unidos quanto depois no Brasil, quando foi adido militar. Ele treinou os militares brasileiros, ele conheceu militares brasileiros que foram alunos dele, militares que depois tomaram o poder no Chile e os franceses tiveram papel muito mais importante, muito mais relevante do que a gente na realidade conhece ainda no Brasil. O papel deles ainda precisa ser muito bem estudado, divulgado e descoberto nos detalhes que ainda são pouco conhecidos.

Bom, ele morreu agora, no dia 04 de dezembro, provavelmente ele levou pro túmulo a história real da morte do professor Maurice Audin, porque segundo se sabe, ele tinha um pacto de silêncio com o General Massu e ele contou isso para o jornalista Jean-Charles Deniau, que ele pediu ao General Massu para quebrar o pacto de silêncio e o General Massu não permitiu. Então, essa história continua nebulosa, ninguém sabe, e a família do Maurice Audin até hoje espera descobrir onde está o corpo para poder enterrar, para poder fazer os funerais e fazer o luto como a família merece e quer, poder fechar esse episódio. Até hoje não se sabe como ele morreu, onde ele está, se foi enterrado, onde foi, nunca foi contado pelo General Aussaresses. É um dos segredos que ele levou para o túmulo.

O General Massu se disse arrependido nessa entrevista do "Le Monde" em 2000. Na época, em 2000, provavelmente o General Aussaresses ainda não tinha decidido assumir tudo, ainda não tinha, porque depois ele assume nos livros dele, e ele foi entrevistado e disse “o General Massu deve estar gagá por estar arrependido da tortura e do que fez”, *(interrompido)* mas o que nós temos das entrevistas e dos relatos que ele fez acho que já é o bastante para sabermos o que eles fizeram na Argélia e uma parte da verdade do *(interrompido)* dos franceses e da teoria francesa da guerra anti-subversiva e guerra contrarrevolucionária. Já sabemos *(interrompido) (incompreensível).*

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Eu queria, ela parou?

**O SR. RENAN QUINALHA –** É que a conexão está ficando ruim, está oscilando Adriano, quando aparece essa mensagem.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Não. Bom, primeiro eu quero agradecer, a imagem está oscilando muito aqui, nós estamos com dificuldade, mas foi importantíssimo o seu depoimento, mas a gente queria uma, você fica no Brasil até quando?

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** Eu fico até dia 27 no Rio, de 27 até 02 estarei em Paraty, descansando, e no dia 03 eu volto pra Paris para continuar o trabalho do livro do Aussaresses, do General.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Esse livro sai quando aqui no Brasil? O livro sai quando aqui no Brasil? Quando o livro vai ser publicado no Brasil, em português, se é que vai ter em português?

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** Sim, ele vai sair no Brasil, em português, mas eu ainda não tenho data pra lançá-lo.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Tá bom.

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** Eu pretendo entregar os originais até maio, junho no máximo.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** A entrevista que a senhora conseguiu fazer com o General em vida, ela é conteúdo do livro, a senhora não vai publicar a entrevista em separado? A entrevista é o livro?

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** Sim, as entrevistas que eu fiz com ele na Alsácia, na casa dele e no Hotel onde a gente tinha um lugar reservado para conversar, as entrevistas fazem parte do livro, não vou publicar a parte, eu publiquei algumas informações, parte dessas entrevistas na "Folha de São Paulo".

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Tá, mas sem, então, querer quebrar o ineditismo do livro, e é um direito da senhora, a gente precisava saber um pouco do período dele no Brasil, quando ele vai para Amazônia e cria, ele assessora os militares brasileiros, porque tem uma interface, né? O General Figueiredo, antes de ser Presidente da República, que era um homem da comunidade de informações, tinha relações com ele, parece que ele até, na entrevista que a senhora publicou em 2008, fala que o General Figueiredo emprestava até o seu cavalo, que era uma das coisas que ele mais prezava, acima de, até acima do povo brasileiro, cavalo Comanche, que ele emprestava pro General e as relações muito próximas do Fleury.

O Dr. Fermino Fechio, que está aqui ao meu lado, ele, antes da senhora começar, ele estava falando sobre a criação, ou a adaptação dessa escola que foi fundada pelos militares em 1962, 1963, as adaptações e ela se transformou na escola de formação, a partir dos adidos militares, do que no futuro seria a Operação Condor, então, esse período da vinda do General para o Brasil oficialmente, pela Embaixada Francesa, o ciclo de relações que ele construiu com os militares brasileiros da comunidade, com os adidos militares, depois os alunos que ele foi recebendo de toda a América Latina, introduzindo a escola da tortura, é o centro da audiência de hoje e vai ter muita repercussão. Então eu queria pedir para a senhora falar um pouco mais sobre isso, eu sei que já falou, tá cansativo, mas se a senhora pudesse se centrar, aqui no Brasil nós nos acostumamos a dizer o papel da Embaixada Americana, o papel da Embaixada Americana, como os Estados Unidos, a CIA, agora essa questão dos franceses é muito periférica, muito pouco sabida. Então a gente queria que a senhora pudesse aprofundar nesse período da escola da Amazônia e uma coisa que também não é falada, não sei se a senhora pode falar, a filha brasileira que ele tem trabalhando na Embaixada Francesa até hoje, não sei se é do seu conhecimento, uma filha.

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** Eu não conheço essa história da filha brasileira dele, eu nunca ouvi falar disso.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** É... que seria, estou pondo no condicional, funcionária da Embaixada Francesa, não sei se ela já aposentou, uma filha entre ele e uma brasileira, produto dessa união, e teria, que é uma coisa que a Embaixada Francesa fecha a sete chaves pra não dizer que a escola da tortura da Argélia teve continuidade e um acolhimento do governo francês.

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** Certo, eu não conheço, nunca ouvi falar, estou acabando de ouvir falar, pela primeira vez, história de uma filha brasileira do General Aussaresses. O que eu sei é que ele teve três filhas francesas e que as filhas romperam com ele, nenhuma delas falava mais com ele desde a publicação do primeiro livro dele "Services Spéciaux - Algérie 1955-1957*"* em que ele assumiu a tortura e conta as execuções sumárias, elas romperam relações com ele, elas tiraram o nome Aussaresses do nome delas e romperam totalmente, as filhas francesas. A mulher dele francesa, quando soube essa história, quando houve o processo dele, com uma midiatização enorme em todos os jornais televisivos, da televisão francesa mostravam, acompanhavam o processo dele. O "Le Monde" acompanhou de perto porque foi através do "Le Monde" que a história da guerra da Argélia e das torturas voltou, a história, voltou a se cobrir, a se falar, historiadores voltaram a estudar, a falar e a descobrir mais detalhes, foi através do *"*Le Monde"justamente, a mulher dele adoeceu e morreu em um mês e rompeu com ele. Expulsou-o de casa quando ela leu que ele era um torturador na Argélia, ela expulsou-o de casa e morreu, teve uma doença depressiva, e morreu em um mês.

Depois ele casou, quando eu o entrevistei ele era casado, e foi morar na Alsácia, que a segunda mulher dele era, é, porque ela está viva, ela é alsaciana. E, o que eu posso te dizer, é que as filhas dele moraram com ele aqui no Brasil, a mulher francesa morou com ele, e ele tinha uma vida social que encobria o verdadeiro papel dele de instrutor em Manaus na Escola de Guerra na Selva, de Instrução de Guerra na Selva em Manaus, ele tinha uma cobertura, o adido militar francês, então a família conviveu aqui no Brasil com o adido militar, representante oficial da França para acordos militares, etc., tinha essa cobertura. Na realidade o General Aussaresses era o que ele mesmo diz, era um homem da sombra, ele sempre foi, ele diz "je suis un homme des ombres", homem da sombra, extremamente ambíguo. Ele não é mentiroso, segundo o jornalista que fez o livro com ele, ele não conta mentira, mas ele não conta toda a verdade, o que ele diz pode ser constatado e comprovado, apenas ele não conta tudo, tem histórias que tem esse pacto de silêncio com o General Massu pra não contar e não revelar a história toda em detalhes do caso Audin, ele era um homem do Serviço de Informação, ele sempre foi um homem do serviço de informação e por isso mesmo ele tinha afinidades com o General Figueiredo que era do Serviço de Informação, era o nosso correspondente ao Serviço de Informação Francês, para o qual o Aussaresses trabalhou.

O Aussaresses foi um resistente, próximo ao De Gaulle, ele fez a guerra, durante a Segunda Guerra, ele fez a resistência do bom lado, digamos, ele tava do lado certo, porque ele fez a resistência para combater o inimigo que era o ocupante nazista na França. Mas era um homem de direita, assumidamente anticomunista, de direita, ele veio pra cá como..., antes de ele vir pra cá os militares franceses, o Serviço de Informação Francês, digamos assim, controlavam os nossos exilados na França, em Paris, completamente em sintonia perfeita com o Serviço de Informação Francês.

O SNI tava implantado na Embaixada Brasileira na França e ele me garantiu, ele me confirmou, que o nosso serviço de informação trabalhava de mãos dadas, como ele usa a expressão, de mãos dadas com o Serviços de Informação Franceses e controlavam cada passo dos nossos exilados com fotografias, monitorando toda a vida dos exilados brasileiros na França e isso ele confirmou e era uma suspeita dos brasileiros, mas não sei se já tinha havido confirmação, no caso ele confirma que realmente eles trabalhavam perfeitamente em sintonia. O General Geisel visitou Paris, em visita oficial, ele era um ditador, a França, o país dos direitos humanos, recebeu o General Geisel em visita oficial em 1976, em abril de 1976.

E o Giscard D'Estaing veio ao Brasil em visita oficial em 1978 preparando com o governo brasileiro já a volta dos exilados, a lei de Anistia que ainda não tinha sido votada, não tinha sido concluída. Então eles trabalhavam perfeitamente em sintonia, os franceses e os brasileiros, a nossa ditadura sempre teve um cordial, um convívio muito cordial com o governo francês e com o Serviço de Informação franceses. E o General Aussaresses aqui, ele tinha cobertura oficial de..., o título de adido militar, mas na realidade ele era instrutor dos nossos militares e de outros militares do Cone Sul que vinham a Manaus, segundo ele, fazer os cursos que ministrava sobre a batalha de Argel, sobre controle de populações civis, sobre a guerra antisubversiva, o que não era mais uma novidade pra nós, mas ele já tinha ministrado na década de 1960 no Fort Bragg*,* nos Estados Unidos, e no Fort Benning onde ele deu aulas, a pedido do Kennedy, a convite do Kennedy, porque os franceses e os americanos estavam começando a sentir que a resistência dos vietnamitas do norte, dos vietcongs, vietminh, era dificílima de ser vencida e os franceses já tinham essa experiência de terem feito a guerra e terem perdido, mas tinham já conhecido esse inimigo que o Kennedy que, depois do Lincoln Johnson, continua a enfrentar e foi levar a experiência deles para lá, depois treinou nessa época os militares sul-americanos.

E aqui no Brasil ele era uma autoridade importante para os militares brasileiros, ele era amigo de todos os nossos generais e tinha um..., eu tenho fotos dos arquivos que ele me cedeu, fotos de ele sendo recebido, documentos que eu vou publicar no livro.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Excelente, então vamos...

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –***inaudível* dos militares

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Vamos aguardar seu livro. Vivian, queria fazer a última comunicação com ela para poder me despedir. Posso falar? Eu queria dizer duas coisas a para a senhora, primeiro, como isso aqui tá sendo transmitido para o Brasil todo, que a senhora deixasse a sua referência eletrônica, seus endereços para quem pudesse e quisesse localizar a senhora para que a senhora pudesse, que as pessoas pudessem acessá-la.

E uma é de natureza mais cultural, porque, em que pese todas as dificuldades aqui no Brasil que nós temos para chegar às informações, tem o grande clássico do cinema francês, ou italiano, não sei, que é o "Batalha de Argel", mas no ano passado foi lançada uma película aqui no Brasil que seria como se fosse a nova geração dos cineastas, feita por argelinos, que é quando a FLN tá todinha na França, na clandestinidade, nas favelas e nas fábricas, e o Serviço Secreto Francês se organiza para acabar com a FLN, que teve uma repercussão muito grande lá na França. E tudo o que a gente ouve falar do general - tinha um general ficcional, evidente, no filme que é um dos principais – eu queria que a senhora pudesse fazer um comentário sobre isso e dar seus... porque a direita francesa ficou muito nervosa que voltou esse tema, se a senhora podia falar um pouquinho sobre isso, e dar seu endereço eletrônico pra gente poder ir se despedindo.

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** Eu não entendi exatamente sobre o que é que o senhor quer que eu fale sobre o General... qual dos generais?

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Não, eu só queria saber da repercussão do filme que volta ao assunto da guerra da Argélia, né? Qual foi na França, só porque aqui no Brasil repercutiu muito, como chegam poucas informações e eu queria saber se tem algum associação da história da FLN na França, o Serviço Secreto Francês, e o assunto que nós estamos falando aqui hoje.

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** Olha, o filme que os enhor está mencionando talvez seja *La battaglia di Algeri*, talvez seja esse, *inaudível* como "A Batalha de Argel".

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Esse é o primeiro.

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** É um filme que foi feito há muitos anos, é um clássico, é um clássico e inclusive o General Aussaresses me disse que ele passava esse filme do Gillo Pontecorvo, ele passava para os militares americanos verem, aprenderem lições da batalha de Argel na qual Aussaresses foi personagem, da qual ele foi personagem chave, importante como assessor direto do General Massu, que dirigia toda as operações de guerra, "operações de pacificação" como eles chamavam, ou acontecimentos argelinos, muito tempo depois do filme que é da Argélia, a França e os historiadores franceses assumiram o nome "Guerra da Argélia", não se falava em guerra da Argélia durante a guerra da Argélia se falava *inaudível*, não se falava em guerra, somente depois essa expressão, esse nome, é assumido, porque tratava-se de uma guerra, mas como disse o General Aussaresses, como a França não poderia declarar uma guerra a ela mesma, porque a Argélia era a França, então havia o eufemismo de chamar de "os acontecimentos do Argélia".

Há muitos outros militares franceses que participaram da guerra da Argélia no papel do carrasco, do torturador, como o General Aussaresses, como o General Bigeard. Bigeard foi um torturador assumido por ter um enterro polêmico na França porque a direita francesa queria homenageá-lo, obviamente e a esquerda francesa não admitia que esse homem fosse homenageado por ser um torturador notório e sabido então houve muita polêmica. A Guerra da Argélia, na França, não é um assunto totalmente superado porque existem dificuldades de se tratar deste assunto. Apesar de o "Le Monde" ter colocado toda essa história de volta, voltou ao tema, o General Aussaresses é um personagem execrado tanto que no dia da morte dele, o título no "Le Monde" era: "Morte do General Aussaresses, torturador na Argélia". Então é uma pessoa execrada dentro da sociedade francesa, mas tem uma parte da sociedade francesa como o Le Pen, que foi também um torturador, e como o partido do Le Pen, rende homenagens a Aussaresses, esses militares franceses da Argélia. Porque acham que eles defendiam os interesses da França e etc.

Inaudível

Civilizados assim, os franceses dos direitos humanos, os da esquerda lembram que a tortura é um crime inafiançável, um crime imprescritível, um crime contra a humanidade e que assumir a tortura e defender a tortura é apologia de crimes de guerra, como a acusação que foi feita contra o General Aussaresses, ele foi acusado de apologia de crimes de guerra, ele não pode ser condenado infelizmente, mas ao menos ele foi *inaudível*... passaram a limpo essa história. Fizeram o que chamam, o que os historiadores franceses chamam de "dever de memória". Passaram a limpo a história e esclarecer todos esses fatos faz parte da história do país. É um direito das vítimas também, porque a família do Maurice Audin, professor de matemática Maurice Audin, continua até hoje, como a família do ex-deputado Rubens Paiva, continua até hoje sem saber onde está o corpo dele, do Maurice Audin como do Rubens Paiva, então a história não acabou ainda, a história é uma história ainda que precisa ser passada toda a limpo.

Eu pude entrevistar para o livro o autor do primeiro livro, do primeiro testemunho sobre a tortura na Argélia, que morreu esse ano. Eu o entrevistei no fim de 2011, em dezembro de 2011, chama-se Henri Alleg escreveu um livro que foi censurado pelas autoridades francesas porque era em plena Guerra da Argélia e ele denunciava, contava a tortura dele, e tem o prefácio do Sartre, do Jean-Paul Sartre, o filósofo. O livro foi retirado pelas autoridades francesas, retirado de venda, ele teve que ser impresso e editado clandestinamente, impresso na Suíça, ele entra na França clandestinamente porque era difícil falar disso durante a Guerra da Argélia, depois o livro teve novas edições já livremente. Mas o Henri Alleg foi o primeiro a falar e a denunciar as torturas na Argélia, eu o entrevistei para o meu livro também.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Muito obrigado. Só para ficar a informação, esse filme mais moderno, que seria a nova versão da resistência argelina, é o filme que aqui no Brasil tinha o nome “Fora da lei”, do Bouchareb, que era um diretor argelino.

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** Ah, esse eu não vi.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Não viu, tá bom. Seu endereço eletrônico.

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** Os "fora do lei", eu sei qual é, mas esse é um filme de ficção *inaudível.*

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Exatamente. A senhora pode dar sua direção eletrônica por favor, para que as pessoas...

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** O meu endereço eletrônico é [leneide@orange.fr](mailto:leneide@orange.fr)

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Muito, muito obrigado e foi um enorme prazer conviver com a senhora, muito obrigado.

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** Sou eu que agradeço, agradeço muito esse, eu poder participar dessa discussão porque eu acho que é um debate importantíssimo, a Comissão da Verdade é importantíssima para a história do Brasil e tudo o que eu puder fazer para ajudar a Comissão da Verdade estou disponível e disposta, a qualquer momento, a contribuir, em qualquer lugar que eu esteja.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** E vamos fazer o lançamento do livro do Frei Tito. Muito obrigado.

**A SRA. LENEIDE DUARTE-PLON –** O livro do Frei Tito vai ser lançado em abril. A biografia.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Muito obrigado, muito obrigado. Podemos encerrar.

Bom, vamos descansar um minutinho. 11h01, até 11h05, vamos suspender 4 minutos para a gente dar uma respirada porque é muita emoção. Vamos lá, 4 minutos. Obrigado viu, Renan. Obrigado viu, Vivian. Obrigado pessoal da técnica.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Bom, vamos retomar a sessão. É uma contribuição que o Doutor Fermino Fechio trouxe para essa audiência, que é um documentário onde aparecem as imagens do General Aussaresses, então é um filme longo, toda uma entrevista, não está legendado em português, depois até nós poderemos ajudar conseguindo fazer a legenda em português e o Dr. Fermino Fechio está disponibilizando. Faz uma introdução Dr. Fermino do que se trata isso, para as pessoas que estão nos vendo entenderem o que é o documentário sobre o General, por favor. Com a palavra o Fermino Fechio.

**O SR. FERMINO FECHIO –** É a entrevista né? Que aquela jornalista, a Leneide, cita, Marie-Monique Robin, ela faz ao General e ela entrevista os generais, os militares argentinos têm todo um depoimento sobre toda essa...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Qual é o documentário, qual o nome? Tem nome?

**O SR. FERMINO FECHIO –** É “Serviços Especiais”, eu acho que é.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Tá bom, então vamos tentar legendar, vamos pelo menos mostrar as imagens, vai ser em francês, vamos lá.

**\* \* \* Apresentação do documentário \* \* \***

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Tá bom, muito bom, nossa, fantástico, muito obrigado. Nossa, parabéns Fermino, vamos tentar legendar esse filme, muito obrigado. Vamos prosseguir, vai. Valeu a pena fazer a Comissão. Fermino.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Só pra complementar, pra não cansar os meus amigos aí, mas eu queria só acrescentar algumas pequenas coisinhas, Deputado, por exemplo a Leneide falou de um caso paradigmático muito semelhante ao caso Rubens Paiva né? No livro que eu apresentei aí ele descreve também outros casos paradigmáticos no meu entender. Por exemplo casos que aconteceram aqui, ele diz da tortura que eles aplicaram a um líder argelino da resistência, ele diz o nome, aqueles nomes complicados de argelinos, ele fala: “e nós o torturamos durante horas, achamos o cara, pegamos, torturamos, torturamos, arrancamos as informações e ele morreu na tortura e aí então a gente jogou uma corda em cima de uma trave lá e simulou um suicídio”. Me pareceu muito semelhante ao caso Herzog.

Um outro caso que ele cita, que é outro caso de tortura, que depois da tortura, depois de arrancar as informações, eles empurram o sujeito do sexto andar do prédio e simulam que foi um suicídio, que o cara se matou. Então, vejam, é tudo uns filmes que a gente já viu né? Todas histórias que a gente viu serem reproduzidas aqui na história da repressão que eu leio nos processos que rodam no tribunal argentino, eu acompanho, vejo as descrições, os métodos de tortura, é tudo igual, né? Uma pergunta que geralmente me fazem é sobre: “e os americanos”? Essa história que você conta dos franceses é verdadeira? Como é que os americanos iam deixar generais ou oficiais militares europeus virem aqui e fazerem amizade, né? Instruir, dar instruções pra militares latino-americanos e tal? Mas é a história que os americanos também já começaram, eles tinham o problema de Cuba né? Revolução Cubana, tinham vários movimentos no continente já e estavam começando a apanhar no Vietnã e o Aussaresses é chamado pra dar instrução no início dos anos 1960, é quando os americanos estão chegando no Vietnã, e começa toda aquela história e eles aprendem com o Aussaresses nas várias escolas como é que vão enfrentar essa guerra subversiva que ele chamava.

Pra você ter uma idéia, Adriano, do que aconteceu, os oficiais - é muito antiga essa vinculação dos nossos Exércitos com o Exército Francês -, tem uma missão militar francesa no Brasil de 1919 que vai até 1939. O Brasil falou muito francês, até o início da República o francês era uma língua corrente, Machado de Assis fala isso, falava bem, e a população falava francês, então, a nossa ligação com os franceses era muito forte.

Tem essa missão francesa aqui, mas um fato que eu acho interessante nesse contexto que nós estamos falando é que, em 1959, os argentinos, os oficiais argentinos faziam a Escola Superior de Guerra em Paris. Muitos oficiais argentinos eram mandados para Paris pra fazer lá os cursos de guerra e o oficial que se destacasse mais, ele era premiado com um mês de aulas práticas na Argélia, na Argélia, e tem um oficial argentino que em 1959 traz essas estratégias, esses métodos, para o Exército Argentino, ele chamava Alcides López Aufranc. Ele vira General e vai participar também do golpe em 1976. Esse camarada, ele aproxima os dois Exércitos, Argentino e Francês, e ele provoca um acordo entre, em 1959, entre o Exército Francês e o Exército Argentino.

Em 1961 em Buenos Aires é realizado o Primeiro Curso Interamericano de Guerra Contrarrevolucionária, participam oficiais americanos, norte-americanos, brasileiros, 14, 15 países sul-americanos participam desse primeiro curso interamericano em Buenos Aires e aí começa a multiplicação de manuais, de apostilas de cursos de instruções de treinamentos, por aí a fora e aí a doutrina francesa se estabelece mesmo.

Mas eu queria voltar à questão de Manaus, da Escola de Manaus, da importância da Escola de Manaus. Eu não sei se vocês leram o Leonêncio, o livro dele: "Mata!". Ele diz o seguinte: “olha, as primeiras incursões fracassaram, aí houve uma pausa mais ou menos de um ano, voltam ao Araguaia depois desse intervalo, mas de maneira diferente, treinados entre aspas”, agora a citação literal: "A Operação Marajoara, a última de combate à guerrilha, começara à meia-noite com cerca de 250 homens vindos do Centro de Instrução de Guerra na Selva de Manaus", está na página 161 do livro "Mata!".

E, se você for pesquisar também como eu fui na internet, você pega um site e um desses militares da reserva que ainda fazem apologia, eles se consideram heróis da Guerrilha do Araguaia né? Da repressão do Araguaia, eles mesmos se identificam né? Como atuantes na repressão à guerrilha, tem um, por exemplo, tenente José Vargas Jiménez, ele diz, ele tem um site lá que ele conta tudo dessa história, a participação dele e ele se intitula assim: “Tenente tal, guerreiro da selva número 702, da turma 73/2 COSAC”. COSAC, como eu disse pra vocês, é quando o Centro de Instrução de Guerra na Selva de Manaus, a partir dos anos 1970, ele muda a denominação pra COSAC - Centro de Operações na Selva e Ações de Comando e aí é que acontece a partir de 1970 esses cursos massivos de instrução de militares latino-americanos e o Aussaresses chega em 1973 e ele conta todas as peripécias dele no livro, que na entrevista que ele dá, ele conta que ele ia todo mês a Manaus, que dava os cursos, “e que curso você dava?”, ele falava: “as técnicas de Argel, eu ensinava as técnicas de Argel, tortura, tortura, todo mundo sabia”. “Todo mundo sabia?”, “Claro que todo mundo sabia, eu era, ocupava um cargo oficial, eu não era clandestino, nada era clandestino”. “Mas você tinha uma carta?”, “Claro que tive uma carta de recomendação, eu fui escolhido a pedido do governo brasileiro, eles queriam um instrutor, um elemento de ligação, e até os americanos sabiam” - ele falou. “Por que você acha que se os americanos não soubessem, não autorizassem, eu tinha virado adido militar no Brasil?” Ele diz isso na entrevista dele.

Então todo mundo sabia e, eu acho um desafio pra nós e pra Comissão da Verdade, esse camarada, como adido militar, ele é um agente diplomático e, como tal, ele tem os direitos e as obrigações que estão previstos na Convenção de Viena e eu não tenho especialização, não estudo muito esse direito diplomático, mas eu acho que caberia examinar essas atividades de um adido militar ensinar numa escola nossa, do nosso Exército, ensinar tortura para outros militares de outros países.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –**  Deixa eu e organizar um pouco melhor. Bom, nós temos que achar a entrevista da Leneide de 2008, aquele livro, vamos organizar porque hoje, pra você entender, é uma reunião tão importante pra gente que, embora está sendo feita a última reunião da Comissão da Verdade, é o início do ciclo da repressão, nós estamos encerrando praticamente, vamos intercalar algumas sobre as vítimas, nós vamos começar. Então, tal a importância sobre o assunto, lógico que ele morreu há alguns dias, nós não podíamos perder esse link de fazer a ligação com a morte dele e o seu depoimento. Então, nós precisamos assim organizar um método, nós vamos pegar a sério, então tem aquele livrinho, esse está em português ou em francês?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Esse está em espanhol.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Esse aqui está em espanhol, tem esse vídeo que eu já vou pedir, viu Thaís fala, com o *ininteligível* hoje à tarde, ou senão a gente vê aqui na taquigrafia e pede pra fazer uma cópia taquigráfica em português do filme todo, toda a locução, pede pra menina vê quem faz em francês, pede pra ela contratar a tradução do filme na íntegra, depois a gente vê com o *ininteligível* quem digitaliza e põe no corpo do filme. Isso é importante, O que você pode deixar? Depois você pode deixar o livrão, aquele livrão que já tá copiado né? Que é essa entrevista antiga da..., precisava ver, a taquigrafia só transcreve, vê se a gente contrata uma tradução disso aí, vê com o Pádua quem pode fazer a tradução desse livro aí, isso é importante. Bom, aí tem que pegar esse capítulo do Leonêncio Nossa, recuperar esse site, desse *ininteligível* da vida aí que os caras falam que são COSAC. e então, continua pra gente ir organizando a hierarquia do trabalho.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Eu acho uma sugestão.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Pedir né? Pra Nacional levantar os nomes das pessoas que foram alunos e dos adidos militares da época, a caracterização dos adidos, porque como a Rosa Cardoso pelo menos demonstrou interesse, eu espero que esse assunto eles levem até o fim.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Só um adendo.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –**  Isso aqui nós vamos fazer assim, tudo que tem da sessão já manda pra Nacional, posta Comissão Nacional da Verdade, Comissão Estadual, audiência em parceria, já compromete eles, manda tudo para o e-mail particular da Rosa, manda para a Assessoria da Comissão, os links, a gravação, recuperar essa gravação da Leneide, recuperar isso aqui mesmo sem editar, pedir pro Braga mandar a cópia do CD mesmo sem editar, do Fermino, para a Nacional e fazer uma coisa casada, porque aí a gente pode dar continuidade.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Porque você sabe, Adriano, eu sempre acompanhei.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Esse livro não tem à venda em português no Brasil, né?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Não, não tem. Mas ele conta um pouco a história das organizações de direitos humanos, como elas trabalharam essa questão.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** É editando onde, na Espanha ou na Argentina?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Eu posso, eu não sei... Talvez pedir... Conselho Mundial das Igrejas.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Eu acho importante recuperar essa questão dos treinamentos em Manaus, saber o nome dos instrutores, o nome dos alunos, porque isso inclusive a gente poderá estar ajudando a Justiça argentina, uruguaia, a chilena, que estão tocando os processos, nós é que estamos atrasados e talvez a informação de um fulano que eles têm dúvida, se souberem que ele fez curso em Manaus com o Aussaresses, nossa, é meio caminho andado lá na Justiça, né?

E eu acho importante essa questão toda, a influência, a história da participação francesa, porque ajuda a iluminar esse pecado coletivo contra sociedade latino-americana e brasileira em especial, eu acho importante a gente resgatar a história dos nossos familiares que foram mortos, que foram torturados, que desapareceram, eu acho que isso é importante e é o âmago da Comissão da Verdade, mas eu acho importante a gente descrever o método, o processo, essa visão maior de todo o processo, porque eu acho que mostra como foi feito um crime contra a sociedade, contra a democracia, contra o povo, contra um povo, várias populações. Eu acho que esse é o valor desse material, a gente chama atenção para um processo. Não foram erros, o cara era torturado, morreu na tortura, não foi casualidade, foi um negócio planejado, arquitetado, pensado, articulado e é responsabilidade dos poderes nessa história toda.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Tem nesse livro, por exemplo, aparece quando o Aussaresses estava lá na escola da Amazônia, tem quem era diretor da escola, quem era?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Isso no próprio site, isso é fácil consultar, eu com toda dificuldade que eu tenho com esses instrumentos modernos de computador, que eu tenho aí com computador, mas eu entrei no site lá do CIGS, do Centro de Instrução, tem toda história deles, tem a foto do zoológico.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Como se chama hoje, atualmente?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Voltou a ter a dominação antiga, chama CIGS - Centro de Instrução de Guerra na Selva. O Lula adorava, o Lula era o fã dessa escola aí agora, ele chega depois né? Quando ele já está outra orientação e acho que nem o governo brasileiro sabia ao certo a história dessa Escola de Tortura em Manaus, porque isso sempre ficou escondido. Eu acho que uma missão da Comissão da Verdade é trazer à luz essas coisas pra gente entender toda essa história, né? Fazer a memória histórica, todo esse processo que foi realizado ali.

**O SR. RENAN QUINALHA –** Adriano, uma coisa que o Dr. Fermino aqui chamou atenção é a posição diplomática que o Paul Aussaresses tinha aqui no Brasil, talvez fosse o caso da gente mandar um ofício pra Embaixada Francesa questionando quais atividades ele prestou aqui na Embaixada no Brasil, uma descrição das atividades, há uma chance de que venha uma resposta protocolar e tudo, mas acho que é interessante documentar um pedido de esclarecimento para o Estado Francês das atividades dele, porque ele estava registrado aqui, né?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Esse cara tem que se credenciar, ele recebe um credenciamento e tal, né? Ele tem imunidades, tal, mas ele também tem obrigações.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** E a filha dele Fermino, como é a história da filha dele?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Eu nunca levei adiante essa história, Adriano, porque houve dor, houve muitas coisas, né? E eu ouvi, soube até o nome, tinha telefone, tinha tudo, mas eu achei que não devia prosperar nessa linha, continuar mais, mas eu tinha informações seguras, eu não posso dizer as fontes. Ouvidoria não pode revelar as fonte. Não posso dizer as fontes, mas eu tinha informações de dentro da Embaixada que a menina existia, tinha nacionalidade brasileira, e é empregada na Embaixada Francesa até o tempo que eu estava em Brasília e aliás, isso talvez explicasse como ele era um pouco reticente quando ele falava do Brasil, ele não dava muitos detalhes, talvez até pra proteger a menina.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Thaís, abre por favor, uma imagem para a gente registrar, o site dessa Escola. Fermino eu tenho que dar presença no plenário, vocês continuam, Vivian senta aqui ao meu lado, Thaís. Levanta o site. Eu preciso dar presença, eu já volto.

(Inaudível)

**O SR. FERMINO FECHIO –** Só pra complementar uma informação sobre Manaus depois dessa, tem uma citação do Contreras que era o terror do Chile, o chefe da DINA do Chile, né? Tem uma declaração antes do General Harguindeguy que foi Ministro do Interior do Videla, ele diz assim "os argentinos, tudo que sabemos aprendemos com os franceses”, isso é o General argentino falando. "O que talvez não seja conhecido é que Aussaresses foi agregado militar no Brasil, foi adido militar no Brasil, que em 1973, a partir de 1973, treinou os militares brasileiros, segundo revelações de Manuel Contreras, Diretor da temida Polícia Secreta do Chile, a DINA, vários oficiais militares chilenos também foram a Manaus treinar com Aussaresses".

E eu levantei essa questão na Comissão Nacional, sobre a importância da gente verificar e jogar luz em cima dos adidos militares depois que eu vi uma declaração daquele Almada, aquele paraguaio que descobriu, por causa dele que foram descobertos os arquivos do terror. Eu não sei se você lembra, Renan, ele conta uma vez que, ele depois de torturado, ele é levado pro interrogatório em Asunción e ele falou: “qual a minha surpresa quando eu descubro que os meus interrogadores eram o adido militar do Brasil, o adido militar da Argentina, o adido militar do Uruguai, o adido militar do Chile, eram todos adidos militares”.

E se a gente lembrar um pouquinho as fases da Operação Condor, a Operação Condor começa com uma fase inicial de troca de informações, quem é que dizia pro Governo Argentino quais eram os brasileiros que estavam refugiados na Argentina eram os adidos militares e o adido militar daqui da Argentina comunicava os chefes em Buenos Aires, ou o adido militar do Uruguai fazia todo esse meio de campo dizendo quais eram os brasileiros que estavam em Montevidéu, no Uruguai, e o brasileiro também recebia informação de quais eram os uruguaios que estavam aqui no Brasil. Todo esse arcabouço de informações e de funcionamento, empurrão inicial da Operação Condor é todo trabalhado pelos adidos militares daí e todo mundo. Pra você ver como eles são selecionados, era uma promoção, se você observar um pouquinho a história do Exército Brasileiro você vai ver que os nossos Presidentes foram todos adidos militares, o Costa e Silva, ele foi adido militar na Argentina, em anos anteriores ao golpe, o Médice, no ano do golpe ele vai ser adido militar nos EUA, o Geisel, se não me engano, estou em dúvida agora, a cabeça já..., se ele foi adido militar no Uruguai ou Paraguai, em um desses países ele foi, e vai por aí à fora, todo mundo é adido militar.

O famoso cara da repressão também terrível, um criminoso que é o famoso Brigadeiro Burnier da CISA da Aeronáutica, o Burnier é adido militar também em 1967, ele vai ser adido militar no Panamá. Tem um sobrinho do Castelo Branco que quatro dias depois do golpe, eu tenho o nome dele aqui, quatro dias depois do golpe ele assassina o comandante da base aérea de Canoas. O Castelo, na boca pra ser nomeado Presidente, dá um jeito pra tirar o cara daqui, ele vai ser adido militar lá fora, também esquece o sujeito lá fora, eu tenho nome, tenho tudo desses caras aí, pra você ver como é a importância dos adidos militares, eu tentei chamar atenção disso pra Comissão Nacional, mas eu não sei se eles têm tempo, se tiveram tempo de requisitar todas essas informações, mas eu acho que seria um dado importante pra gente mapear toda essa articulação do terror.

**O SR. RENAN QUINALHA –** E você tem notícia, Fermino, se houve no Uruguai, na Argentina, no Chile, onde há processos judiciais, se tem alguma linha de processos contra adidos militares envolvendo mais essa questão da colaboração francesa?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Não vi, eu peguei bastante literatura, né? Eu falei pra você, quando eu soube dos argentinos eu comecei a pesquisar, né? Tem material adoidado no “Página 12”, que é um bom jornal, eles têm jornais que nós não temos né? Infelizmente, na imprensa brasileira eu não achei nada, só achei aquela reportagem da "Folha" de 2008, ninguém mais fala nada, mas aqui no “Página 12” eu achei um manancial e há várias declarações dos generais argentinos pra contar essa história, eu acho que essa história precisa ser contada e é bom ouvir eles falando. Você vê, aqui tem todas as entrevistas dos generais argentinos, estão todos aqui dando seu depoimento, contando as vantagens dele e tal, brasileiro nenhum, tudo na moita e é uma história que precisa ser contada.

**O SR. RENAN QUINALHA –** Com certeza**.** Tem alguma questão? Alguém queria colocar? O Pádua que é o especialista, alguma consideração também dessa questão? Quer pegar o microfone aqui Pádua? Pádua Fernandes.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** Posso falar daqui?

**A SRA. VIVIAN MENDES –** Aqui é melhor por causa da gravação, se puder.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** Esse aqui não vai gravar?

**O SR. RENAN QUINALHA –** Só fica perto da mesa.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** Eu tinha uma pergunta pra fazer pra..., não tinha pergunta, eu queria lembrar que o Aluizio Palmar, ele no site dele “Documentos Revelados”, ele publicou alguns documentos sobre o Aussaresses, “troca de correspondência entre a Embaixada da França e Itamaraty revela atividades sobre tortura no Brasil”. Ali ele escaneou esses documentos, mas ele não revela tanta coisa assim, mas mostra alguns documentos do Itamaraty com a Embaixada da França, mas são mais pedidos, pedidos pra..., relativos à autorização dele estar aqui pra ele poder, até pra ele poder, pra questão do carro, autorização pra dirigir, autorização pra filha dele, a Monique, para ela estar aqui também, mas ele publicou alguns desses documentos no site dele “Documentos Revelados”, o Aluizio Palmar. Eu queria lembrar, eu não sei o quanto você ouviu isso, mas a Escola Superior de Guerra Brasileira, ela é extremamente atualizada, porque ela antes da década de 1960 ela já tinha cursos sobre guerra revolucionária no Brasil e com base na doutrina francesa, tem um curso do....

*Inaudível*

**O SR. FERMINO FECHIO –** Tem um livro importante da *ininteligível,* é interessantíssima a análise da influência nas escolas brasileiras e ela diz que esse processo é, sobretudo a partir de 1957, começam as coisas que ficavam no nível dos oficiais, essas instruções passam a baixar pra todos os níveis, pra todas as escolas militares no Brasil.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** É década de 1950 e no arquivo na Lagoa e que está na internet, eles têm aula do Augusto Fragoso em 1959 e que diz textualmente “a única literatura sobre guerra revolucionária é a literatura francesa”, e tem toda uma bibliografia, inclusive dos periódicos do Exército Francês sobre isso e isso já tá... Tem um livro que inclusive fala do acordo secreto em 1959 com a Argentina, um livro francês que traz essa relação do Inimigo Interior do Mathieu Rigouste, que boa parte das informações que o senhor trouxe estão aqui, inclusive a colaboração com a Argentina, com o Chile, a ideia do Inimigo Interno, que é a grande ideia da guerra subversiva. Não foi traduzido ainda e que está aqui inclusive a questão do acordo secreto de 1959 com o Exército Argentino que é interessante, mas isso na França, essas informações começaram a vir nesse século, esse livro é de 2007.

Em janeiro eu estive na França e quando eu falei, a historiadora *ininteligível* me perguntou: “algum militar brasileiro foi aluno na Escola das Américas?”. Eles não sabiam, assim como não sabiam, quando eu falei, embora, aqui esteja, outro livro, "A Guerra das Memórias", Benjamin Stora que, são memórias da Indochina, da Argélia e também da Segunda Guerra Mundial, ele fala do Aussaresses também. Mas também é um livro desse século, mesmo assim eu não tenho ideia de quanto eles foram importantes como matriz ideológica desse tipo de guerra e, embora seja isso há muito tempo, é estranho, eu acho muito estranho dizer que a França é o país dos direitos humanos, a França não é isso, a França é o país das Declarações de Direitos Humanos, é o país das declarações, mas não é o país dos direitos humanos, de forma alguma inclusive, eles foram exportadores disso.

*Inaudível*

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Pode vir um pouco mais pra cá.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** E essa questão.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Desculpa, mas é que é tão importante, senta aqui, Pádua Fernandes.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -**  Então, o Brasil desde a década de 1950 tem essa..., está atualizado com o pensamento francês e essas aulas já estão publicadas, já estão disponíveis na internet no arquivo lá da Lagoa que está no site da Federal de São Carlos, mas inclusive os franceses só vêm, eu descobri agora. E o livro do Aussaresses, principalmente o segundo, que diz que, “Eu Não Contei Tudo”, esse livro que ele vai falar mais sobre o Figueiredo, o Figueiredo, Fleury, e que ele diz que o Figueiredo chefiava os esquadrões da morte, ele diz nesse livro, nessa grande entrevista, e ele conta, o que eu queria ter perguntado pra jornalista de uma das namoradas do Aussaresses no Brasil que é morta no SNI e que o Figueiredo o leva e mostra, está no livro do Aussaresses.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Essa aí é uma história mais ou menos assim, ele, num intervalo aqui do trabalho no Brasil ele vai pra Paris, o Aussaresses, e ele numa recepção lá, tal, ele fala que vem uma mulher muito bonita conversar com ele, conversa “onde o senhor está?”, “eu estou no Brasil, vou voltar pro Brasil“.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Volta fala tudo de novo.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Ele, o intervalo do trabalho dele no Brasil, ele vai a Paris e numa recepção vem uma mulher muito bonita a procurá-lo, sabendo que ele está no Brasil e ela diz: “olha eu também estou indo ao Brasil, logo mais estarei no Brasil”. E ele diz: “ótimo, então me procure”. E dá o cartão pra ela, o cartão dele pra ela, aí ele fala que voltou ao Brasil onde ele recebe o telefonema da mulher da Europa, falando: “olha, estou indo”. Aí ele fala: “pô, preparei tudo, meu apartamento, enchi o freezer de champanhe e tal, mas eu tinha que ir pra Manaus, deixei tudo preparado e fui pra Manaus ministrar as instruções, cursos que já estavam programados” - e ele falou – “qual a minha surpresa que lá no meio da selva recebo um rádio urgente do Figueiredo me intimando a voltar pra Brasília imediatamente”.

O Figueiredo manda um helicóptero buscá-lo em Manaus, ele vem de helicóptero sem saber o que será que aconteceu e quando ele chega no SNI o Figueiredo está meio bravo, meio cabisbaixo, meio *brontolado* e aí ele fala assim, sem saber o que que era, ele me apresenta o cartão: “olha tem uma mulher que nós prendemos aí, ela estava com seu cartão de identificação aí, é tua conhecida?” - Ele falou – “O cartão é meu, não sei de quem você está falando”. E aí eles descem aos porões do SNI e apresentam pra ele uma mulher estendida no chão, depois de torturada, ele olha, ela estava muito machucada, ele fala – “Ah, é fulana!” - e ele diz um nome que eu não sei se é mentira dele, não sei se ele está dizendo o nome verdadeiro, ele fala – “Ah, é a Eva, Eve”. E ele diz: “eu falei, mas eu contei a história pro Figueiredo, eu encontrei essa mulher, ela me falou que vinha para o Brasil, eu dei o cartão pra ela, nada mais que isso, tal, tal”. O Figueiredo fala: “pois é, essa aqui é uma agente, uma espiã da KGB, é uma agente tcheca, os serviços franceses identificaram ela no aeroporto lá e me comunicaram que ela estava vindo pro Brasil. Nós a pegamos e ela está aqui”. E aí ele ia embora depois de uns dias, ele pergunta pro Figueiredo – “E a moça?”, “Ela não resistiu às torturas e morreu, morreu no hospital e nós enterramos aqui mesmo em Brasília”.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -**  Isso eu tinha lido, eu queria saber realmente qual era o nome da agente.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Ele fala, ele fala Eva. Ele diz que esse episódio é no início de 1974, 1974. Quer dizer, é uns sete, oito meses depois que ele tinha estado aqui no Brasil, que ele tinha vindo pro Brasil.

O Figueiredo era chefe do SNI na época do Geisel, aí já é governo Geisel, e aí ele conta do Figueiredo, a amizade que ele tinha, ele diz inclusive que ele foi repreendido no começo pelo Embaixador Francês, o Embaixador Francês falava: “pô, mas você anda com umas companhias aí”. E era um negócio mais com o delegado Sergio Paranhos Fleury, né? E ele fala assim: “eu respondi pro Embaixador ‘escuta, mas são essas amizades que me dão informação e que me permitem mantê-lo informado’”. Aí ele falou: “aí ele nunca mais se importou com o fato de eu andar com o Fleury e com o Figueiredo. O Figueiredo foi meu grande amigo” - ele falou – “eu tinha uma grande admiração por ele e nós nos conhecemos muito bem, ele falava bem francês, o Figueiredo, porque ele tinha tido uma missão na França, ele me chamava pra fazer longas cavalgadas e ele me emprestava até coisa que ele não fez pra ninguém, ele me emprestava o cavalo dele, comanche, e nós nos tornamos bons amigos, ótimos amigos e tal, tal”. É assim que ele falava.

Do delegado Fleury ele diz que ele tinha toda essa fama mesmo, o Fleury, que ele tinha origem francesa que ele acha que o Fleury tinha origens francesas, tal, mas ele não entra em muitos detalhes sobre o Fleury, ele fala muito do Figueiredo, é o que eu lembro dessas coisas todas. Tem uma história interessante também que ele conta a respeito da prisão do Marighella, é uma coisa totalmente desconhecida, que eu nunca tinha ouvido, é sobre a prisão do Marighella. Ele conta a história que contaram pra ele.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -**  "A polícia e o SNI receberam ordens de neutralizar Marighella a qualquer preço, isto é sem respeitar os direitos humanos e a convenção de Genebra". Isso aqui é, a parte jurídica da doutrina da guerra revolucionária é exatamente isso, que não poderia se dar ao inimigo subversivo, a esse inimigo, nem a proteção dos criminosos comuns, isso atrapalhava a perseguição, tampouco a dos combatentes de guerra, essas garantias jurídicas ao prisioneiro de guerra e aos guerrilheiros comuns deviam ser anuladas para o inimigo subversivo. Isso é o ponto central da parte jurídica da guerra revolucionária. Então os informantes do Serviço Secreto se lançaram a busca do Marighella, finalmente em São Paulo.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Ele diz que é um jovem rico.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -**  É o filho de um burguês que vivia em um bom bairro onde seus pais lhe pagaram um apartamento confortável. Aí o misterioso Esquadrão da Morte, que não existe, mas é muito ativo, *ça n'existe pas c'est tres active,* prende esse jovem homem, ele não fala, os pais se agitam e a mãe, que conhece o oficial, membro presumido do Esquadrão, o visita, ela suplica, lhe afirma que seu filho não tem nenhuma simpatia por terroristas e que se ele foi visto com eles é simplesmente porque ele foi vítima de chantagem, ele não tá dizendo quem foi esse jovem que foi preso. O oficial aceita essa mentira piedosa e acompanhado da mamãe, dos policiais e de cachorros eles investigam o apartamento do jovem homem.

**O SR. FERMINO FECHIO –** E os cães farejam.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -**  É. Aí encontram vestes.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Do jovem.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** Encontram roupas que pertenceram a Marighella.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Porque ele tinha, o jovem tinha cedido roupas.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** Aí encontram roupas que pertenceram a Marighella e os cães farejam essas roupas e passam a procurá-lo e não foi preciso muito tempo pra encontrar o terrorista que estava escondido em uma casa desse mesmo bairro.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Pra você ver é uma outra versão, né?

**O SR. PÁDUA FERNANDES -**  Mas é totalmente louca, o Marighella cercado, não se deixa prender, atira sobre os policiais, infelizmente é abatido no fuzilamento. Aí o Sergio Fleury, que dirigiu a operação, ele recebe a crítica porque não o apanhou vivo, mas os papeis encontrados com o cadáver são uma mina para os detetives, encontram uma agenda de endereços que vale por todos os interrogatórios.

**O SR. FERMINO FECHIO –** E vai por aí afora. Tem outro episódio aí, ele fala que quando ele chega a Brasília em 1973 - meses depois é que ele conhece -, é nomeado o adido militar chileno Humberto Gordon e ele fala: “e esse sujeito que eu já tinha conhecido em outras escolas americanas, esse adido militar me conta e elogia a participação do Governo Brasileiro no golpe contra o Allende”. Aí ele diz da atuação do Orlando Geisel, ele falou: “olha eles fizeram uma verdadeira ponte aérea” – é assim que ele diz – “uma verdadeira ponte aérea entre o Brasil e Santiago e eles forneceram armas, pessoal especializado”, ele falou, “e os aviões levam militares brasileiros imediatamente após o golpe pra fazerem a separação nos estádios, no estádio, a divisão das forças no estádio, orientam a divisão, né?” A postura dos militares no estádio e para identificar os presos no estádio por nacionalidade e tal. E tem o depoimento das várias pessoas que falam que no estádio você ouvia falar mais em português que em espanhol, né?

**O SR. PÁDUA FERNANDES -**  Achei a história aqui da agente da KGB.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Interessante, eu não sei se tem registro dessas coisas, se valeria a pena pesquisar, ou se a Tchecoslováquia, antiga República Tcheca, se ela sabe, se tem alguma procedência isso.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -**  Aqui, isso aqui do site de Bessa Freire, ele traduziu poucos trechos desse livro, aí ele traduziu esse que é curioso, o Bessa Freire é um antropólogo, aqui: “ele estava na selva e recebeu um chamado de Brasília e lhe informaram que era o chefe do SNI, João Figueiredo, aí pergunta o que acontecia, sem uma palavra de explicação ele me manda voltar urgentemente à Brasília, envia um helicóptero a Manaus pra me buscar", ele estava em Manaus diz que são 1500km, "em Brasília um carro me espera na pista e me conduz logo pra a sede do Serviço Secreto". Aí ele o leva, descem, dois agentes civis do SNI e "uma mulher deitada no chão, aí perguntou 'você a conhece?' perguntou João Figueiredo, se virando bruscamente pra mim, aí respondo que não, de fato eu não a reconheci de tanto que ela estava ferida não reconheci".

Aí ele diz “é Eva”, aí fico surpreso, “escute João, deixe-a partir, ela não é o que você pensa”. “Ela tinha nos seus papéis uma carta de visita com um cartão com teu nome, você deu esse cartão ou ela roubou de você?”, “eu dei esse cartão em Paris, mas eu te peço, libere-a, deixe-a partir”. “Você aparentemente não entendeu nada, você não sabe que ela é uma agente, os russos montaram uma operação pra te fazer cair” - diz João Figueiredo. Ele pede para o João Figueiredo deixar ela ir achando que é um engano, aí o Figueiredo explica que os russos montaram uma operação pra te fazer cair.

Tudo isso vem de Moscou diretamente "é preciso que saibamos mais, ela vai falar, ela deve falar”. "Aí eu deixei o João Figueiredo muito preocupado, aí no dia seguinte eu falei com ele ao telefone, repeti que não disse nada, não havia acontecido nada, que ela não tinha feito nada, que nós apenas bebemos alguma, algumas taças no bar do Hotel *Lutetia* em Paris. Ele me responde, sempre distante e frio, 'esqueça essa mulher, não se ocupe dela, eu digo isso em seu interesse'".

Alguns dias depois fala de novo com Figueiredo, estava desesperado de não o convencer de liberar essa mulher aí Figueiredo diz: “Paul, essa mulher não estava em bom estado fisicamente, nós a levamos ao hospital e ela morreu”. Aí diz que essa história o atormentou por muito tempo. Aí, aqui, aí ele descobre, né? O SNI foi avisado pelos franceses que ela havia chegado a Brasília e que logo que ela entrou no hotel ela foi abordada pelo Serviço Secreto Brasileiro, aí descobriram mais tarde que ela era um agente tcheco, “minhas relações com Figueiredo” - isso eu não sabia – “minhas relações com Figueiredo não voltaram a ser o que eram depois desse episódio e, seis meses mais tarde, eu abandonei, deixei o Brasil, eu o revi, no entanto, muitos anos depois quando eu trabalhava na empresa Thomson", aí ele já era Presidente da República.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Isso também serve, olha, os adidos militares são todos amigos dele em vários países, aí o Aussaresses vira vendedor de armas, aí ele vai aproveitar todas essas amizades que ele fez durante essas aulas que ele ministrava nas escolas e em Manaus e os contatos deles nos países pra ele vender as armas francesas, são exatamente esses adidos militares, os seus ex-alunos, que vão facilitar, ele cita inclusive de empresa brasileira, ele cita a Engesa.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** Está aqui, Engesa em São Paulo.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Pra você ver que a minha memória inda está mais ou menos boa.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** Logo depois ele fala que os agentes da DINA foram formados no Brasil, que em Manaus ele teve estagiários chilenos logo depois da chegada do Pinochet ao poder, ele deixou o Brasil em 1975, e que os agentes da DINA foram formados no Brasil e que o General Contreras selecionava esses militares que vinham fazer o curso no Brasil. Contreras selecionava e mandava pra Manaus em grupos de três a dez, que ficavam de 2 meses, ficavam mais ou menos 2 meses em Manaus, mas ele jamais viu o Contreras, ele não conheceu o Contreras, mas o Contreras selecionava os militares chilenos.

**O SR. FERMINO FECHIO –** OContreras, ele confirma, que ele nunca tinha visto o Aussaresses, mas que ele mandava os outros oficiais dele virem pra fazer os cursos.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** É guerra na selva e aprendizado da luta antisubversiva.

**O SR. RENAN QUINALHA –** O site é aquele ali, né?

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** Do CIGS, é.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Esse é o site, né?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Vai rodando, isso, aí aparece as onças.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** Do CIGS, é.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Vamos ler, o Renan pôs na tela o site, dá pra você ver que é? Esse é o nome atual, né, Renan? Dá pra ampliar o título? Tem como ampliar, Thaís, dar um zoom no título? Coronel Jorge Teixeira.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Esse é o primeiro presidente do...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Fala no microfone, esse é o primeiro Presidente.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Esse é o primeiro Presidente desse Centro de Instrução aí e el era considerado idealista e tal, então eles dão o nome.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Aí nos arquivos é que aparecem os antigos nomes, tudo?

**O SR. FERMINO FECHIO –** Não, eles não publicam os nomes não, eles dão os nomes dos que foram diretores, o período em que eles foram diretores, tem as sucessões aí, né? É o máximo que eles dizem. Aí eles falam dos símbolos da escola, dos programas, mas nome de ex-aluno e coisa, não, isso não.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** O Aussaresses no filme também não diz, ele diz que não vai dizer, nem *le nombre,* nem *le nom*. Nem número, nem nome dos militares.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Quer falar mais alguma coisa, Pádua? Depois você podia, essa bibliografia que você fala, falou era importante, quer falar mais alguma coisa que você está...?

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** Tem os documentos do Aluizio Palmar que estão nos “Documentos Revelados”, mas não falam nada sobre tortura, são mais autorizações que a Embaixada Francesa pede pro Itamaraty pra ele poder vir aqui, pra filha dele poder vir aqui e serem aceitos como adido militar e que isso está no site dele, “Documentos Revelados”. Já achou?

(Inaudível )

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Thaís Barreto.

**A SRA. THAÍS BARRETO –** Um resumo histórico aqui do site: “O Centro de Instrução de Guerra na Selva, CIGS, foi criado em 02 de março de 1964, pelo decreto número 53649, tendo como seu primeiro Comandante o então Major de Artilharia Jorge Teixeira de Oliveira, o Teixeirão. Até junho de 1969, o CIGS foi subordinado ao Grupamento de Elementos de Fronteira. Em fevereiro de 1970, passou a ser subordinado à Diretoria de Especialização e Extensão (DEE). Em outubro de 1970, passou a designar-se Centro de Operações na Selva e Ações de Comandos (COSAC), com a missão de ministrar além dos cursos de Operações na Selva e de Ações de Comandos.

Em 1978, retornou à sua antiga designação, deixando de ministrar o curso de Ações de Comandos. Em setembro de 1982, o CIGS passou à subordinação do Comando Militar da Amazônia, permanecendo vinculado tecnicamente à DEE, Atual DETMil.

O primeiro curso de Guerra na Selva funcionou no ano de 1966, os cursos eram ministrados em duas categorias, uma para oficiais e outra para subtenentes e sargentos. A partir de outubro de 1969, passou a ser de três categorias: “A” para oficiais superiores, “B” para Capitães e Tenentes e “C” para Subtenentes e Sargentos.

A partir de 2010, mais quatro categorias foram instituídas: “D” para Subtenentes e 1º Sargentos; “E” e “F”, respectivamente, para oficiais e Sargentos do Serviço de Saúde e “G” para Cadetes, que voltou a funcionar em 2013.

Ao longo de seus 47 anos de existência, o CIGS especializou 5.213 combatentes de selva, sendo 419 de nações amigas, até 17 de setembro de 2011.

Devido ao trabalho daqueles que antecederam a atual geração, este Centro tem o status e a responsabilidade de especializar o melhor combatente de selva do mundo. CIGS, orgulho de ser do Exército Brasileiro.”

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Bom, vamos ver se a gente consegue pelo menos legendar esse filme, porque traduzir esse livro nós não temos estrutura. Acho que está bom, está bom. Fala no microfone tudo, por favor.

**O SR. FERMINO FECHIO –** Talvez se você acha o livro muito grande, talvez traduzir apenas o capítulo referente ao Brasil, está lá, “O professor Aussaresses”. É esse aí, esse capítulo conta um pouco a história dele no Brasil, são poucas páginas , né?

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Pádua, se você conseguir traduzir a gente consegue publicar em órgãos de boa visibilidade, viu? Se você fizesse esse trabalho com uma resenha dessa, faça com a Thaís aí, com o Renan. Traduzir esse capítulo vai dar uma repercussão boa viu? Se você puder nos ajudar.

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** Sim.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Es**tá bom. Bom, Fermino eu acho que foi uma contribuição excelente, espero que a Nacional..., faça o contato com a Nacional, fala da importância, se você puder fazer uma resenha dessa audiência também. Quer falar mais alguma coisa, Pádua, antes de terminar?

**O SR. PÁDUA FERNANDES -** Só reforçar uma coisa, por causa da colaboração que o senhor Fermino falou com a polícia francesa, porque isso é uma coisa que se repete nos depoimentos desses brasileiros que vão ao exílio na França. Por exemplo o Daniel Aarão Reis, ele chega da França em 1974, ele diz que quando chega lá a polícia francesa já tem o dossiê dele, tem todas as informações sobre o caso dele, cedido pelos brasileiros. Então talvez fosse interessante também que se solicitasse essa informação ao Governo Francês, se havia um acordo secreto, né? Entre o Governo Francês e o Brasileiro, porque eles chegavam lá já com todas informações já dadas pelo Governo Brasileiro, esses relatos, eles eram investigados e a polícia francesa já tinha todos os dados quando eles chegavam.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** É, eu estou pensando em convidar o Daniel pra vir aqui para São Paulo. Bom, o que eu queria dizer é o seguinte, tentem postar, como essa é a última semana, semana do Natal, tentem postar as fotos do Fermino, alguma nota sobre essa entrevista da senhora, algumas resenhas, façam como um muralzinho, uma coisa simples que não precisa ser sofisticada, dá a notícia do filme, dos livros.

(Inaudível)

O áudio da coisa, dessa Audiência, tá? Mas se você conversar com o Braga, sem editar, ele te dá o bruto, lógico que ele quer salvaguardar as imagens da TV, mas conversa com o Braga, se precisar eu vou lá, ele te libera o bruto, já. Teotônio Vilela pode liberar o bruto na hora, sem edição. Renan quer falar alguma coisa, pra gente?

**O SR. RENAN QUINALHA –** Não.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Então, eu queria te agradecer em público, você ter ajudado a organizar essa audiência, a Thaís, a Vivian, todo o pessoal da Comissão, o Pádua veio nos ajudar, muito obrigado, Fermino. Aí a gente vai dar uma reciclada, talvez a gente peça pra você voltar mais alguma vez, porque o Dr. Fermino Fechio tentou encaminhar esse material pra Nacional mas eles não tiveram como repercutir e tal, aí a gente conversa com a Dra. Rosa, diz do sucesso que foi, a gente continua, bom, e outras contribuições que você puder dar pra nós vai ser importantíssimo, está bom? Então, nós agradecemos a presença de todos e a sessão está encerrada. Obrigado pelo pessoal da WEB, da TV Assembleia.

\* \* \*